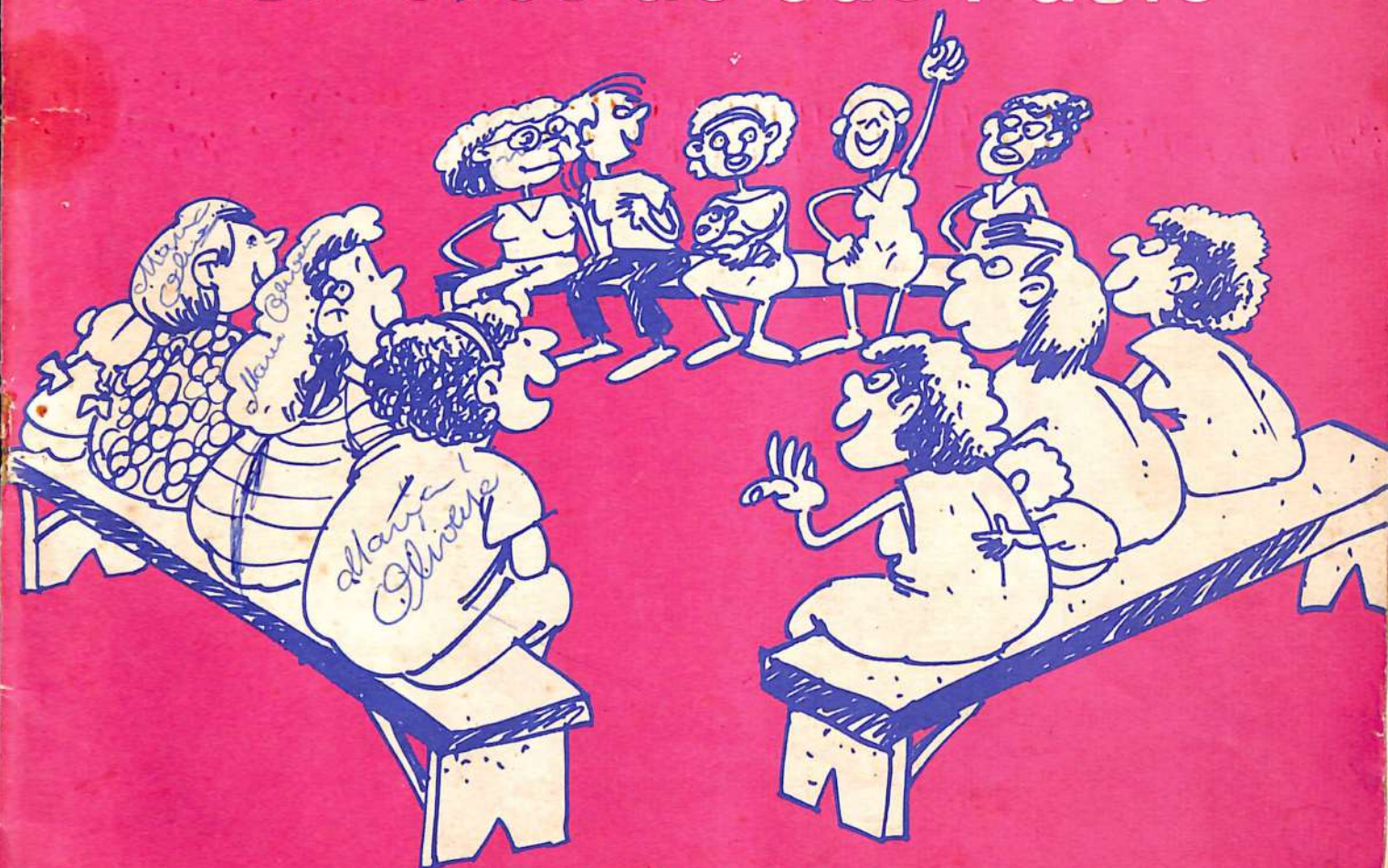


Nº 3 OUTUBRO DE 1985

que história é essa?

Clube de mães e grupos de mulheres de São Paulo



UMA PUBLICAÇÃO GRUPO DE EDUCAÇÃO POPULAR (GEP-URPLAN/REDE MULHER)

Índice



Apresentação	4
Introdução	7
Saindo da rotina	8
Um pouco de nossa história	13
Nós e as lutas nos bairros	19
O que se faz nos clubes de mães?	23
Do clube de mães aos outros movimentos	28
E agora?	33
Entre mulheres	38



QUE HISTÓRIA É ESSA? CLUBES DE MÃES E GRUPOS DE MULHERES

História reconstituída a partir de depoimentos
de mulheres do município de São Paulo.

Equipe de Redação - GEP/URPLAN

Benedito Carvalho
Hamilton José Barreto de Faria
Leila Maria da Silva Blass
Sílvia Maria Manfredi
Sônia Barros

Equipe de Pesquisa-Rede Mulher

Moema Viezzer
Ida do Valle
Beatriz Canabrava
Márcia C. Lourenço
Vera Lúcia Vaccari
Elda Marisa Salaroli
Graciela Popelka

Diagramação e Arte

João Bosco L. Brandão

Ilustrações

Nilson, Marcos e Sérgio Palmiro

Fotos

Juca Martins - F4 e Márcia Lourenço

Zona Leste: Setores que participaram
da pesquisa:

Ponte Rasa, São Miguel, Ermelino Matarazzo,
Itaim Paulista.

Zona Sul: Coordenações participantes
da pesquisa:

Figueira Grande, Vila Remo, Vila das Belezas,
Jardim Miriam,
Cangaíba, Guaianazes, Artur Alvim, Itaquera,
V. Esperança,

Co-edição:

Grupo de Educação Popular - GEP/URPLAN
Rua Ministro Godoy
05015 - S. Paulo - SP
Tel.: 65-7715

e
Rede Mulher - SP
Caixa Postal 1803
01051 - S. Paulo - SP
Tel.: (011) 262-9407

Apresentação

Esta história é só o começo de uma longa conversa. Porque as mulheres dos clubes e grupos dos bairros de São Paulo têm muito mais para contar.

A conversa registrada nesta revista reflete o trabalho de vários grupos de mulheres da periferia e sua importância para a sociedade.

Em primeiro lugar, esta Revista parece dizer: "Mulheres... Presente!" Ela mostra uma realidade ainda escondida para o próprio movimento de mulheres no Brasil. Só no Município de São Paulo existem aproximadamente dois mil clubes de mães ou grupos de mulheres reunidos em comitês, núcleos, departamentos ou associações de mulheres em sindicatos e partidos políticos, e outros tipos de organizações autônomas de mulheres. São grupos que se reúnem a cada mês ou a cada 15 dias e mesmo até a cada semana para tratar de assuntos de interesse das mulheres, das comunidades, do bairro ou do país.

Geralmente, estes clubes e grupos não têm oportunidade de ver o que fazem no seu conjunto. Como observou uma participante desta pesquisa: "o trabalho invisível da mulher não é só no lar.

A mesma situação da dona de casa continua nos movimentos: a mulherada está em tudo, luta, conquista, faz acontecer, mas parece que tudo fica escondido".

Em relação aos clubes dos bairros da periferia de São Paulo isso é tão verdade que muitos deles nem têm nome. Assim, como no casamento, a mulher costuma perder seu sobrenome para adotar o do marido, em muitos clubes e grupos elas trabalham sem nome, endereço próprio e sem programa de trabalho. Tudo isso contribui para a ausência de uma identidade própria, tendo como única referência a entidade que as apoiam. E, no entanto, as mulheres estão presentes, reivindicando, organizando outros grupos de mulheres e homens, caminhando de luta em luta, de conquista em conquista para os bairros e para si mesmas. Para si mesmas? Sim. A leitura dos depoimentos mostra claramente como a subordinação da mulher ao homem vem à tona logo que a mulher começa a participar, porque esta sociedade nos mantém divididos.

E não é só entre ricos e pobres, explorados e exploradores, mas também entre brancos que discriminam e negros que são discriminados; homens que dominam e mulheres que são subordinadas. Enfim, vivemos numa sociedade de **RELAÇÕES SOCIAIS DESIGUAIS**, onde o espaço reservado à mulher é o mundo do lar, o mundo "do privado", enquanto que o mundo "de fora", o espaço social e político, há séculos está reservado aos homens. Por isso a mulher tem tanta dificuldade para situar-se como um ser social e político, capaz, responsável e em igualdade de direitos.

São muitas as mulheres que neste processo de participação descobrem o que são obrigadas a ser. Isto acontece ao ter que enfrentar as dificuldades e limitações que a mulher encontra "por ser mulher" tanto no mercado de trabalho como na luta social e política. E, geralmente, as mulheres que aceitam entrar nesse caminho de libertação percebem que não tem volta.

Mas toda moeda tem duas faces, "sair para o mundo e começar a andar por si mesmas" significa um passo tão grande que algumas mulheres se jogam nas tarefas da comunidade ou do bairro e isso lhes trazem outros problemas. Como comenta uma das mulheres: "A gente acaba assumindo tanta coisa que até vira escrava da própria

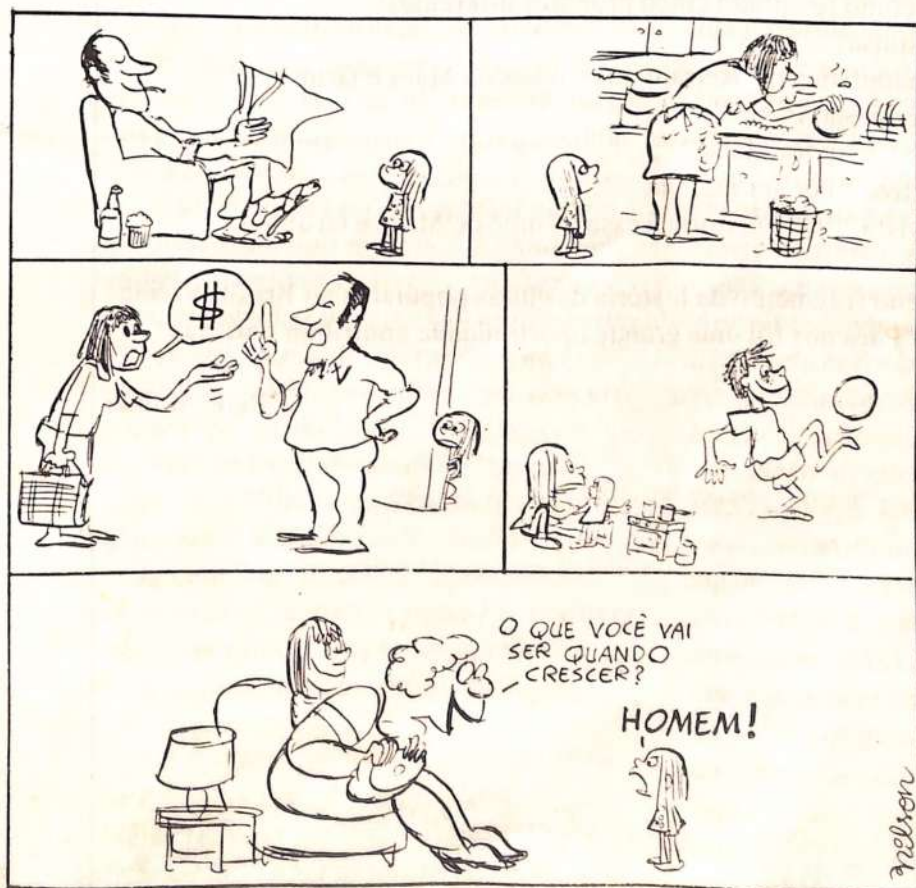
libertação. E ... acaba achando tempo só pras lutas da comunidade e não encontra tempo suficiente para discutir tudo o que acontece com a gente, como mulher”.

Apesar disso, na opinião de muitas, o saldo é positivo para aquelas que se encontram na luta há mais tempo: “A situação da mulher que começa a participar e a da que participa há anos é diferente. A gente mesma já se respeita mais e sente que é mais respeitada pelos outros em casa e fora de casa. Cada uma de nós aprendeu a se valorizar como mulher, a cuidar mais de si, a se relacionar melhor com os filhos, a falar com os maridos, a exigir dos prefeitos, a atuar na organização da população”, comenta outra.

Uma coisa muito importante que essas entrevistas revelam é que não existe separação entre as questões gerais e específicas. As mulheres que deram entrevistas contam como foram descobrindo tudo o que lhes afeta POR SER MULHER. Por outro lado, libertar-se da subordinação que esta sociedade impõe à mulher significa transformar essa mesma sociedade numa sociedade justa, sem exploração da classe trabalhadora e sem discriminação de nenhum tipo: por ser negra, por ser índio, por ser mulher. A subordinação da mulher ao homem é um dos problemas de relações sociais que mais afetam a humanidade, uma vez que mais da metade da população mundial é composta de mulheres. Por isso o movimento de mulheres é um movimento social de suma importância.

Em São Paulo, os clubes de mães foram, durante muitos anos, o único espaço que pôde reunir as mulheres, principalmente por causa da repressão da ditadura militar. “Os clubes de mães foram como a mãe de muitos movimentos de bairro”, diz uma participante dos clubes de mães.

Hoje a situação é diferente, temos vários espaços: mulheres na direção das sociedades amigos de bairros, mulheres nos sindicatos e nos partidos políticos, casas da mulher nos bairros pobres, etc.



Para as mulheres que estão começando, é muito importante conhecer a caminhada destas companheiras que, há cinco, dez ou quinze anos participam e acreditam que vale a pena lutar. Afirma outra mulher: "Hoje me sinto feliz de ser mulher e, contando minha história, gostaria de contribuir para que muitas mulheres se sintam como eu". Os depoimentos contidos nesta história foram recolhidos durante a Pesquisa-Avaliação dos Clubes de Mães e Grupos de Mulheres de São Paulo que foi iniciada pela Rede Mulher em novembro de 1983. Foi realizada com a participação de representantes de clubes de mães e grupos das zonas sul e leste de São Paulo, com o objetivo de reconstituir a história desses clubes e grupos e captar a percepção das mulheres envolvidas nessas organizações.

Nesse projeto, foi utilizado o Método de Pesquisa-Educação para Mulheres de Moema Viezzer, uma modalidade de pesquisa-participante que traz implícito um processo de educação popular, entendido como um espaço onde se busca conhecer a realidade para atuar sobre ela.

Foram escolhidas como áreas de pesquisa a zona leste e sul de São Paulo, porque são as mais populosas e pela alta proporção de trabalhadores que vivem nessas regiões. Além disso, os clubes e grupos dessas regiões têm uma importante trajetória no movimento popular. Alguns deles se destacaram no Movimento do Custo de Vida e, mais recentemente, nos movimentos de creche, saúde, educação, luta pela terra.

A pesquisa, depois de um levantamento preliminar, estruturou o trabalho de campo em duas fases: o **cadastramento dos clubes**, através de um questionário; e a **reconstituição histórica dos clubes e grupos**, através de entrevistas individuais e coletivas.

A metodologia adotada permitiu também um treinamento contínuo das mulheres através de reuniões mensais e oficinas de trabalho trimestrais, onde foram discutidos e analisados os dados parciais recolhidos em campo.

Esta pesquisa teve como resultado cinco produtos diferentes:

- Relatório da Pesquisa;
- Um caderno de estatísticas: "Retrato dos Clubes de Mães e Grupos de Mulheres da Zona Leste de São Paulo";
- Um áudio visual: "E agora Maria?";
- Uma peça de teatro: "Por ser mulher...";
- E a presente Revista: "Que história é essa? Clube de Mães e Grupos de Mulheres".

Aqui está um pequeno fragmento da história das lutas populares no Brasil. Vivida e contada por mulheres. Para nós foi uma grande oportunidade contribuir para sua publicação.

Rede Mulher

Introdução

Que história é essa dos Clubes de Mães? Que história é essa das mulheres terem a ousadia de sair dos limites de sua casa, questionar o machismo e o autoritarismo? Que história é essa das mulheres participarem tão decisivamente dos movimentos populares? Que história é essa das mulheres desafiarem a repressão nos períodos mais duros do regime militar?

Esta revista conta um pouco desta história. E quem fala são essas mulheres que passaram dois anos pesquisando os clubes, levantando questões e tentando compreender um pouco o seu movimento. Ela dá continuidade ao trabalho de recuperação histórica sobre o movimento popular feito pelo Grupo de Educação Popular do Instituto do Planejamento Regional e Urbano da Pontifícia da Universidade Católica de São Paulo que já editou uma revista sobre Conselhos Populares na periferia de São Paulo e uma outra abordando a aprendizagem do trabalhador na luta e em sua vida cotidiana.

A presente publicação foi elaborada em conjunto com a equipe REDE MULHER que realizou nas regiões sul e leste de São Paulo uma pesquisa sobre a

formação destes Clubes de Mães. Esta revista é um dos produtos dessa pesquisa que durou quase dois anos e que envolveu dezenas de mulheres. É a história dos clubes reconstituída a partir da perspectiva das próprias mulheres que participaram desse movimento em suas várias etapas.

Para se chegar neste produto final tivemos que ler e sistematizar quase mil e quinhentas páginas transcritas de gravações que duravam de três a quatro horas. Retirar o essencial desse material exigiu muitas discussões e muitas leituras. Após a redação final, as mulheres dos Clubes de Mães leram todo o material, comentaram e sugeriram modificações no texto.

Neste terceiro número da revista QUE HISTÓRIA É ESSA, portanto, a palavra está com as mulheres que se propõem a desvendar o seu movimento por dentro, seus impasses e sucessos. Esperamos que este material sirva para que os diversos grupos, não só em São Paulo, mas em todo Brasil, reflitam sobre suas práticas e avancem em seus trabalhos.

**Grupo de Educação Popular
GEP**

Saindo da rotina

Rita, Graça, Dora, Francisca, Valdete, Judite e Neusa são algumas das mulheres que vivem na zona leste e sul de São Paulo.

Há alguns anos elas decidiram não mais ficar só na vida rotineira do trabalho e da casa. Cada uma a seu modo foi arranjando um jeito de participar nos clubes de mães e nos movimentos de bairro. E isso não foi tarefa fácil porque muita coisa mudou em suas vidas, principalmente a partir das conversas, discussões e lutas que fizeram juntas.

Nos depoimentos aqui reunidos elas nos contam um pouco dos motivos que as levaram a participar dos clubes de mães e de como foram se descobrindo, evoluindo e se valorizando enquanto mulheres.

Rita — Comecei a participar no clube de mães como alguém que tinha muita vontade de fazer crochê, né? E, além de aprender a fazer crochê, aprendi a fazer outras coisas e fiz muitas amizades. Fiquei conhecida e até melhorei no meu jeito de tratar meus filhos. E olha que quem diz isso é o meu marido, que era assim um tipo bem de machão mesmo, sabe?

Judite — Pra mim, não existe muito

um porquê. Foi um momento. Me explicaram que estava havendo um grupo de mulheres no bairro, eu vim e achei interessante. Eu queria sair um pouco da rotina de casa e não queria trabalho manual pra não virar uma rotina igual. Acho que continuei no clube de mães mais pelas lutas, pelas palestras. Se não fosse isso tinha desistido, sabe?

Graça — Eu gostava de ver novela e



QUE HISTÓRIA É ESSA? CLUBE DE MÃES

minha casa brilhava de limpa. Eu ficava em casa o dia inteirinho e não dava conta de tudo. Um dia, meu marido e eu fomos convidados pra um encontro de casais. Nesse encontro comecei a descobrir um punhado de coisas, porque foi direto aos problemas que tinha em casa. Eu era nervosa, ciumenta. Meu marido podia trabalhar tranqüilo, mas não podia jogar futebol ou tomar uma cerveja no bar que eu virava bicho. Eu só queria paparicar e ser paparicada. Abri os olhos no encontro, mas fui despertar mesmo no clube de mães; e aqui estou até hoje.

Francisca — Teve um tempo aí, eu já era casada, que a gente ficou tão ruim de vida que resolvi trabalhar numa fábrica. Mas meu marido me levava e buscava todos os dias. Eu não participava de nada. Dizia que queria paz. Mas não enxergava que essa paz era, na verdade, submissão, opressão. Um dia convidaram a gente pra participar do grupo de rua... depois passei pro grupo de mães.

Rute — Eu era sempre convidada e nunca resolvia. Até que um dia fui e as mulheres estavam lendo o Evangelho. Alguém me pediu pra ler um pedacinho e depois refletimos juntas. E eu gostei, né? Aí comecei a participar da igreja e cheguei ao clube de mães. Depois disso..., Ave Maria!... quanta coisa aconteceu!

Neusa — Eu costurava muito pra fora e não tinha tempo pra nada. Quando ia à missa aos domingos, o padre tinha a mania de apontar o dedo e perguntar: "você! o que você faz durante a semana?" Aquele: "você" caía sempre em cima de mim e minha consciência doía muito. Um dia soube de um grupo de mulheres que se reunia e decidi ir de qualquer jeito. Cheguei lá e as mulheres estavam tricotando e fazendo crochê e eu pensei: "isso aí eu não quero. Eu já estou cheia de costura!" Depois veio a reflexão e eu achei interessante porque cada uma falava alguma coisa sobre o Evangelho. Era a primeira vez que eu discutia o Evangelho com pessoas comuns. Antes era sempre na Igreja, onde só padre falava. No final da reunião, a irmã pediu para alguém assumir a reunião da semana seguinte e eu me

"Eu não participava de nada. Dizia que queria paz. Mas não enxergava que essa paz era, na verdade, submissão, opressão."

ofereci. Só que depois disso acabei assumindo de vez.

Elza — Como comecei? Quem enfiou a gente nesse poço de areia movediça que quanto mais esperneia mais se afunda? Sei lá! Há 20 anos costurava direto pra fábrica e fiquei tão bitolada que não conhecia nem os vizinhos. Quando comecei no clube de mães, foi para mim uma válvula de escape, sabe?

Rita — E como a gente evoluiu participando do clube de mães, né? Reunindo em grupos, discutindo os problemas, entendendo as raízes desses problemas. Não foi assim que você também aprendeu um monte de coisa?



Dora — É... de repente a gente se descobre, dá um estalo assim e você sai para o mundo. Acho que este estalo ainda chegou muito tarde em mim; deveria ter vindo mais cedo. Teria feito muito mais coisas. Antigamente a minha vida era chorar, ficava nervosa, irritada com um mundo de coisas. Porque há um certo tempo na vida da gente que parece que a gente se anula. Fica muito naquela vida rotineira, é só criar filhos. Depois, às vezes, o casamento da gente não está muito seguro e a gente pensa que está. Isso aí deu um pane na minha cabeça. Eu estava precisando mesmo sair de casa para ver o mundo lá fora. Durante o crescimento das minhas meninas eu só criei filho. Aquela vidinha chata. O marido chegando tarde, dizendo que eram as horas extras, né? E

"De repente, a gente se descobre, dá um estalo assim e você sai para o mundo."

"Ninguém valoriza o seu trabalho. Enquanto mulher, você é aquele burro de carga sem salário."

...você ficando dentro de casa, se anulando. Então, de repente, tem que descobrir quem é você e quem é o mundo. Eu acho que partiu disso aí. E então comecei a participar da comunidade. Porque cheguei num ponto que falei para mim: "Se eu ficar aqui, vou ficar louca". Tinha toda uma energia acumulada dentro de mim e ficava parada dentro de casa, vendo a casa desmoronar e sem descobrir o caminho, a porta... Aí, depois que organizaram esse clube de mães fui entrando, fui me entrosando. Mas não foi nada fácil sair da rotina da casa. Foi duro porque tive que mudar muita coisa.

Rita — E, ficar só dentro de casa passando e lavando roupa não é vida mesmo. Você fica neurótica, porque só vive em função do pano, do espanador, da limpeza, do diabo a quatro. E ninguém valoriza o seu trabalho. Enquanto mulher, você é aquele burro de carga sem salário. Mas eu só comecei a descobrir que muita coisa tem que ser mudada a partir da reflexão que fiz junto com o pessoal no clube de mães. Uma reflexão não só em cima dos problemas da vida da gente, mas em cima dos problemas do bairro, também. Descobri coisa que nem sonhava que eram direitos meus. E olha que não participei desde o início do clube. E vim para o movimento sem saber lutar, reivindicar, discutir. Eu adquiri um pouquinho de consciência participando mesmo da luta do custo de vida, do movimento de creche direta, da coordenação e de outras coisas que foram surgindo. Então, foi assim: vim e fiquei. E à medida que fui vendo mais gente e discutindo, as coisas foram ficando mais claras. Fui aprendendo a lutar. E foi assim que comecei a batalhar aqui no bairro. E nessas lutas é que a gente descobre que tem direitos e que tem que lutar por todos e não só por si.

Judite — Pois para mim, o que me levou a participar do movimento foi justamente a vontade de lutar. Desde que me entendo por gente, estou na luta. Quando era solteira, fui mandada várias vezes embora do emprego por tanta briga que eu arrumava. Estava sempre



reclamando de salário, da hora extra. Mas era uma coisa meio inconsciente.

Depois de casada e antes do clube de mães ainda a revolta era grande, mas não sabia como participar, com quem brigar. Brigar com o marido? Com os filhos? Não dava! Então passei umas fases assim desgraçadas, sempre achando que a vida não estava boa, mas sempre tentando melhorar. Mas via que tudo continuava igual e não conseguia enxergar nada de diferente.

Um dia soube de um grupo de mulheres que se reunia aos sábados. Mas era nos sábados que entregava as costuras pras freguesas e nunca dava certo. Até que decidi ir de qualquer jeito. Cheguei lá e as mulheres estavam tricotando, fazendo crochê. Me lembro que perguntei para vizinha:

— Isso não é uma fabriquinha de costura que a gente trabalha como escrava, né?

— Não, Dita, não é nada disso — disse ela.

Porque minha finalidade não era muito o crochê. Eu não tinha muita saída e queria fugir um pouco da rotina de casa e da costura, né? E só fazer trabalho manual

QUE HISTÓRIA É ESSA? CLUBE DE MÃES

ia se tornar rotina a mesma coisa. Então só continuei mesmo no clube de mães pelas lutas e pelas palestras. Se fosse só trabalho manual, eu acho que não ficava não.

Rita — Quando comecei a participar, o clube já funcionava há uns 5 anos e eu morava no bairro há quase 17 anos. * Naquela época, vivia muito em função só da família. Eu não ficava preocupada se algo me agradava ou não. Se o meu marido estava contente e os meus filhos também, então para mim estava tudo bom. Nunca perguntei: “o que é que eu quero?” Depois que comecei a participar, é como vocês falam: descobrir que muita coisa pode ser diferente, né? Quando fui convidada para entrar no clube de mães, tinha aquela preocupação de ajudar os outros. Só que depois percebi que não era eu quem estava ajudando os outros, mas eles que estavam me ajudando, sabe? Porque a minha cabeça mudava a cada dia e ainda continua mudando... Tem vez que deito pensando de um jeito e quando levanto de manhã já estou pensando de outra maneira, né? É aí a gente vê que perdeu tanto tempo na vida. Agora não dá para volta para trás. Tem que aproveitar o restinho, né? É duro, gente, descobrir tanta coisa depois de velha... Mas antes tarde do que nunca, né?

Francisca — Nunca é tarde para se fazer um trabalho para organizar a mulher. A gente que está morando na periferia, percebe muito que as mulheres não têm tempo. Principalmente com o desemprego, elas têm de ajudar o marido e pegam serviço fora e se matam feito condenadas. Trabalham de madrugada a madrugada; é uma dificuldade trazer a mulher na reunião e ela fica completamente alheia ao que está acontecendo no bairro.

Rute — E olha que tem bairro que não tem nada.... As ruas cheias de barro, não tem iluminação, feira, os ônibus tudo lotado...

Neusa — Mas mesmo quando a mulher não trabalha fora, se a gente for pensar bem na questão do tempo, não dá para fazer as coisas. A gente tem que largar um pouco o serviço de casa. Se você quer ser uma dona de casa perfeita, você não vai ter tempo de fazer as coisas fora.

Dora — Mas, pôxa vida! Se tenho condições de viver só para cuidar de meus filhos e da casa tenho que ser respeitada nisso, sabe? O que eu quero dizer é que pelo fato de ter a profissão de dona de casa eu não vou ficar aí dentro fechada. Não! Eu também tenho o direito de participar de

“A minha cabeça mudava a cada dia e ainda continua mudando. Tem vez que deito pensando de um jeito e quando levanto de manhã já estou pensando de outra maneira. E aí a gente vê que perdeu tanto tempo na vida”.



uma reunião política e de estar por dentro dos acontecimentos.

Neusa — É. Mas a gente é muito desvalorizada. Pelos outros e pela gente mesmo. Vou dar um exemplo. Antes eu achava que o meu marido sabia as coisas melhor porque trabalhava fora e convivia com outras pessoas. Me sentia tão burra! Tudo que ele falava, eu acabava achando que estava certo. Depois que comecei a participar, ao invés de achar só qualidades, comecei a ver que ele também tinha defeitos e erros. Essa descoberta pra mim foi mais importante do que qualquer outra coisa.

Valdete — Eu também sempre tive isso comigo de achar que era ignorante demais. Não tinha muito assunto pra conversar, a não ser do filho e do trabalho de casa. Era só aquilo ali, não tinha um desenvolvimento com nada. Não sabia nem como criava filho, não sabia discutir o porquê de fazer isto ou aquilo. Tinha vontade, por dentro, de fazer alguma coisa

"Pelo fato de ter a profissão de dona-de-casa eu não vou ficar aí dentro fechada. Eu também tenho o direito de participar de uma reunião política e de estar por dentro dos acontecimentos."

"Eu pensava que os homens eram mais inteligentes do que as mulheres. E não é nada disso. Somos iguais."

pra abrir um pouco a mentalidade, mas eu não sabia como. Então, o clube de mães, pra mim, caiu como uma luva. E meu marido percebeu que comecei a enxergar mais do que ele. E tem aí um ciúme da gente ser mais, né? Por exemplo, numa conversa, às vezes, eu me saio melhor porque ele tem mais dificuldades, sabe? Mas eu pensava igual a vocês, que os homens eram mais inteligentes do que as mulheres. E não é nada disso. Somos iguais.

Rita — Mas a gente não é respeitada quando a gente fala, Valdete. Este é um ponto que todas as mulheres sentem. A gente sabe que tem marido que é uma praga pra pressionar e oprimir a mulher, não é? Sabe por quê? Porque eles não querem ficar por baixo. É só por isso. É como você disse, eles sabem que se a mulher deles começar a conversar com outras e entender melhor as coisas, eles vão perder de longe. E eles têm medo de perder o poder e de não serem mais os mandões né?

NEBRON E A RAINHA DO LAR



Um pouco de nossa história

Os clubes de mães são grupos de mulheres que foram criados na periferia de S. Paulo, em outras cidades do Brasil e em alguns países da América Latina. Embora já existissem alguns grupos antes de 1970, foi a partir desta data que surgiram em maior número em S. Paulo. A grande maioria desses clubes formaram-se através do trabalho pastoral da Igreja Católica, que reunia as mulheres para fazer reflexões sobre o Evangelho e a partir daí discutir os problemas existentes nos bairros. Alguns também surgiram por iniciativa de instituições como: Legião Brasileira de Assistência (LBA), Sociedade Amigos de Bairro (SABS) e partidos políticos. Outros ainda surgiram estimulados por movimentos reivindicatórios, como, por exemplo, os movimentos do custo de vida, saúde, creches, lixão, etc. Finalmente, um grupo mais reduzido nasceu independentemente de instituições e movimentos. A história dos clubes de mães está relacionada com a resistência dos setores populares em S. Paulo, que se desenvolveu mais intensamente sob a repressão do regime militar durante os anos 70. Neste capítulo, relataremos a história do movimento do clube de mães nos bairros das regiões sul e leste de S. Paulo. Embora esses grupos tenham elementos comuns em sua história, há também diferenças que se devem às particularidades dos movimentos populares nestas regiões.



Eu acho que o movimento do clube de mães, pelo menos aqui na zona Sul, começou em 1970, quando teve toda reflexão da Igreja sobre a sua caminhada. Eu recorro que no dia 13 de novembro, na Igreja de Santa Margarida, teve um dia de encontro e nesse dia foi passado um filme e depois houve um debate, com cerca de 200 pessoas. Depois desse encontro, onde estavam presentes homens e mulheres, começamos a nos encontrar nas casas e a partir daí surgiu a idéia de se formar clubes de mães.

O primeiro encontro aconteceu com umas 50 mães quando foi discutido e analisado o que poderiam ser esses clubes de mães. As mulheres puderam se conhecer, debater, trocar opiniões e tudo mais. E assim nós começamos a discutir os problemas do bairro, como o problema de saúde, a situação de vida da gente e outras coisas mais. Depois vimos que não adiantava ficar nas discussões. Tínhamos de ter uma saída para o problema da educação, das crianças que ficavam em casa quando a mãe ia trabalhar e que não tinham com quem ficar. Mas essa discussão não aconteceu rapidamente. Ela foi se fazendo devagar, indo de casa em casa, convidando o pessoal do bairro para participar.



No final de cada ano nós fazíamos uma avaliação do trabalho, onde a gente discutia o que nós tínhamos feito durante o ano, quantas pessoas novas tinham entrado no movimento e a partir de um certo tempo nós vimos que estava gostoso fazer aquele clube de mães. Mas vimos, também, que não era bom fazer um clube de mães só lá no bairro. Por que não criar outros clubes de mães? — perguntávamos. Começamos a tirar algumas mães que estavam dispostas a sair daquele grupinho e partir para fazer outros clubes de mães em outros lugares do bairro. E o movimento foi se alastrando; outros clubes foram surgindo, com a participação de muitas mulheres.

Um desses clubes, por exemplo, foi o da Vila das Belezas, que surgiu em 1974. Nosso clube de mães, poderíamos dizer, é um filhote do clube de mães de Santa Margarida. Antes as mulheres se reuniam na igreja, junto com as mulheres que vinham do Lions Club para dar aula de bordado, culinária, higiene, educação, etc. Vinham uma vez por semana e traziam lanches, tecidos, lãs. Tudo o que gente podia imaginar elas traziam. Até pessoas para cuidar das crianças. A gente ganhava um pouquinho, mas era da renda que elas ganhavam vendendo peças de tricô, crochê, bordado, nas lojinhas especializadas. Nós ganhávamos uma caixinha por peça e isso ajudava muito a manter o trabalho. E era um estímulo para as mulheres continuarem o trabalho. Quando chegava no fim do ano, por exemplo, elas faziam uma exposição, se tirava fotografia daqueles trabalhos muito bonitos. Cada uma queria caprichar mais do que a outra. E depois vendiam esses trabalhos para poder comprar novos materiais. O importante é que a mulherada estava junto, conversando, aprendendo, trabalhando junto. Naquele tempo nós não tínhamos muita consciência. A gente estava recebendo só aquilo que outras mulheres vinham dar. O ensinamento que a gente tirava era que as pessoas que tinham dinheiro vinham fazer um favor para os "coitados" que não tinham. Aquilo para nós era um favor.

Começamos a tirar algumas mães que estavam dispostas a sair daquele grupinho e partir para fazer outros clubes em outros lugares do bairro. E o movimento foi-se alastrando.

O importante é que a mulherada estava junto, conversando, aprendendo, trabalhando junto.

Teve um fato que marcou. Um dia o padre sem conversar com a gente chegou na reunião e falou: "Daqui para a frente as senhoras não precisam mais voltar porque as mulheres aqui da vila mesmo têm capacidade de fazer o trabalho!" Ele estava referindo-se a essas mulheres que vinham ajudar. Achava que era uma desvalorização muito grande de nós todas. E isso foi um baque tão forte que nós ficamos paradas. Depois ele chamou um punhado de mulheres e falou assim: "Vocês precisam sentar entre vocês mesmas porque vocês têm condições de fazer alguma coisa, porque o que elas vinham fazer aqui vocês fazem melhor!" Daí para a frente a gente passou a se juntar na casa de uma de nós. Nesses encontros a gente fazia trabalhos manuais e discutia os problemas de família, do bairro, o que achava que devia discutir no momento. Eu me lembro que, quando comecei a reunir para fazer esses trabalhos manuais, aconteceu um fato que até hoje me faz pensar. Naquele tempo eu era muito interessada em fazer latas bonitas e era só isso. Eu pensava comigo mesma, mas não falava: "Porque a gente não acaba de fazer as coisas e depois conversa?" Quando ia para casa ligava o rádio e ia direto para as novelas. Escutava novela o dia inteiro. Quando outras mulheres começavam a me criticar, a mostrar que o papel das mulheres não era só aquilo, isso me tocava muito; mas não falava nada para elas. Eram pessoas que já tinham uma certa consciência, por isso eram contra esse tipo



de coisa. Mas a gente foi crescendo em tudo, tanto na consciência como no modo de participar, tomando uma posição nas coisas que estavam erradas no bairro. E a gente foi crescendo, foi aumentando um grupo aqui, outro ali e esses clubes de mães foram aumentando. Com o tempo já tinha clube de mães em Santa Margarida, Vila Remo, Jardim Nakamura e outros. Sei que tinham uns quatro clubes já bem fortes. Quando o clube de mães começou a se ampliar nos bairros da zona sul a gente viu que tinha muitos outros trabalhos fora daqui. Aí a gente começou a conhecer outros trabalhos, convidar gente para fazer treinamentos, palestras, cursos, fazer debates, essas coisas todas. E desses clubes de mães nasceu um monte de trabalhos, um monte de lutas em que se envolveram homens e mulheres.

— A gente começou aqui em Figueira Grande, naquela época de muita repressão. O objetivo era ver se a gente conseguia que outras pessoas, mesmo com toda a repressão, tentassem se organizar nas pequenas coisas. Por exemplo: imagina a gente ter que fazer uma luta por coleta de lixo ou para reivindicar escola, e ainda por cima ter medo de ser reprimida... Então, o objetivo era esse mesmo: ir reorganizando o povo, pouco a pouco. Porque tudo tinha sido destruído: os sindicatos tinham sido fechados, algumas sociedades amigos de bairro combativas tinham sido cassadas, os líderes eram perseguidos... e o povo com aquele medo. Não era fácil! Quando a gente se reunia e aparecia algumas pessoas

Mas a gente foi crescendo em tudo, tanto na consciência como no modo de participar, tomando uma posição nas coisas que estavam erradas no bairro.

novas no grupo, todo mundo desconfiava. Todo mundo tinha medo que fosse alguém da polícia.

— O nosso clube nasceu dentro do Movimento de Custo de Vida, quando esse movimento já estava caminhando, lá por 1975, 76. O clube surgiu mais pensando em unir as mulheres, a partir da necessidade da organização. O movimento do custo de vida levantou todas as problemáticas dos bairros — alimentação, saúde, etc. Depois se formou um clube no Jardim Miriam e muitos outros foram surgindo. A gente tinha uma rede de clube de mães e a idéia era fazer com que as mulheres tomassem consciência de seus direitos. Aliás, nosso objetivo sempre foi esse: estar junto com as mulheres pra que tomassem consciência de seus direitos

Na região leste de S. Paulo os grupos de mães, em sua maioria, apareceram depois de 1.975. Diferentemente da zona sul, são poucos os clubes organizados pela iniciativa das próprias mulheres. A grande maioria nasceu como grupos de reflexão sobre o Evangelho, formados por

iniciativas de padres, freiras e agentes pastorais encarregados de dinamizar as comunidades eclesiais de base.

Apesar da presença marcante da igreja na organização e dinamização dos clubes, alguns deles surgiram de forma independente.

— Na zona leste quando começamos a formar o movimento do clube de mães ninguém pensava em movimento popular. O nosso objetivo era só se encontrar. O pessoal estava muito entusiasmado em refletir sobre o Evangelho e todo o material que nós usávamos era voltado para essas reflexões. E através disso a gente ia conhecendo as pessoas. Foi assim que a gente começou aqui no Itaim Paulista. Se encontrando na casa das pessoas, convidando as pessoas. O nosso trabalho sempre foi de reflexão voltada para vida, porque naquele tempo o pessoal pensava



mais em rezar. Hoje a gente vê que o papel da mulher não é só ficar rezando; tem que sair fora. Isso eu acho importante. Agora, nós temos um outro clube de mães aqui no Itaim que não cresceu. Não sei se é porque fica mais no centro e não tem os problemas que nós temos aqui, ou porque são pessoas de mais idade. Elas só fazem trabalhos manuais. Fazem coisas muito bonitas no bazar que organizam todo ano, mas é só trabalho manual. Quer dizer, o trabalho delas é esse. Não é igual ao da gente que enfrentou uma luta por água, por creche, contra o lixo, posto de saúde e tudo mais.

— O nosso clube de mães lá no Itaim tem dez anos. Nós tínhamos, na comunidade, um grupo de pessoas que a gente ajudava porque eles não tinham nada. Então a gente ajudava com alguma coisa. Foi primeiro por causa dessas pessoas que nós começamos a nos reunir. Depois uma religiosa veio morar aqui no bairro e ela convidou algumas mulheres para uma reunião. A gente se reunia, lia um trecho do Evangelho e depois conversava sobre os problemas. Pouco a pouco nós fomos vendo as condições das pessoas, fomos conseguindo que elas tivessem auxílio para velhice, que elas tinham direito; para outros, conseguimos aposentadoria. E assim foi cada um tomando conta de si. Nessa altura o grupo de mães já tinha aumentado e o número de pessoas que participava era maior. Nós tínhamos umas oito ou dez comunidades que começaram. Depois foi aumentando. Antes de participar no clube de mães elas participavam da novena de Natal, do grupo de rua, da campanha da fraternidade.

Desses grupos acontecia sempre de vir alguém para o grupo de mães e isso só fazia aumentar o grupo.

— Na Cidade Patriarca o primeiro clube de mães foi pego a laço. O meu marido sempre participou da sociedade amigos de bairro e a gente sempre esteve nesse meio. Desde solteiro ele sempre mexeu com essas coisas: futebol, festinha, isso e aquilo. Então ele falou: “Por que vocês não fazem um clube de mães?” Aí nós começamos com a intenção inicial de chamar as mães das crianças. Veio uma porção de mães. Pusemos uma senhora para ensinar pintura e encheu bastante de mulher. Foi a partir dessas pequenas atividades que surgiu a primeira diretoria do clube de mães, com a finalidade de ajudar, de fazer caridade, doando enxovalzinho.

— No Jardim Robru os clubes se organizaram depois das primeiras lutas por água, linha de ônibus. Essas duas necessidades marcaram muito e fortaleceram o encontro das mulheres, porque não existia nada no bairro. No nosso caso, foi a partir das primeiras lutas que nasceram os clubes de mães.

— Uma luta importante e que serviu para dar impulso na organização dos clubes de mães foi a luta contra o lixo. Porque naquele tempo a gente não tinha coleta de lixo, o caminhão não passava e tinha muito terreno baldio. Era uma desorganização

total. Aí nós começamos a trabalhar em cima desse problema do lixo. Primeiro reivindicamos o caminhão. Conseguimos: ele começou a passar. Depois, reivindicamos que ele passasse certinho — porque ele só passava nas ruas que lhe convinha.

Os clubes de mães nasceram de forma diferente.

Alguns mais voltados para trabalhos manuais, outros para refletir o Evangelho, para assistir as pessoas mais

necessitadas. E, finalmente alguns mais voltados para as lutas nos bairros. Com o decorrer do tempo, em sua grande maioria foram modificando e ampliando seus objetivos.

— A função principal do clube de mães aqui é lutar por uma conscientização para organizar as mulheres. Acho que você pode distribuir enxovalzinho mas tem que dizer para a mulher que se ela está recebendo esse enxovalzinho, é porque o marido está desempregado, que no nosso país existe muito desemprego e a gente tem que lutar contra isso. Tem que assegurar o direito que a mulher tem de trabalhar, ter uma creche de retaguarda para que ela fique sossegada no emprego. Dói muito quando a gente tem que distribuir enxovalzinho, porque nós sabemos que



aquela mulher que está pedindo não está segura dentro da casa dela. Então, eu não gosto muito dessa linha de trabalho paternalista nos clubes de mães. Eu acho que a luta é mais ampla. A mulher pode dentro dos clubes brigar por creches, saúde, lazer, educação e muitas outras coisas. Tudo isso a mulherada pode fazer e descobrir a sua força. Mas é tudo muito difícil. Por isso que acho que no clube temos que desenvolver um trabalho para alcançar a população, mas tem que ser um trabalho de conscientização.

— Hoje as pessoas que a gente vê nos movimentos, nas associações foram tudo pessoas que começaram nessas organizaçõezinhas. Tem pessoas que foram trabalhar nas creches, outras em escolas ou postos de saúde. A maioria passou por algum clube de mães, sociedade amigos de bairro ou por alguma luta.

— Eu gostaria que as mulheres não pensassem que os clubes de mães só servem para trabalhos manuais, mas também pra sair e fazer reivindicações no bairro. O movimento de creche tem que ter

Eu não gosto muito dessa linha de trabalho paternalista nos clubes de mães. Eu acho que a luta é mais ampla.

Temos que desenvolver um trabalho para alcançar a população, um trabalho de conscientização”.

Eu gostaria que as mulheres não pensassem que os clubes de mães só servem para trabalhos manuais, mas também pra sair para brigas de reivindicação no bairro.



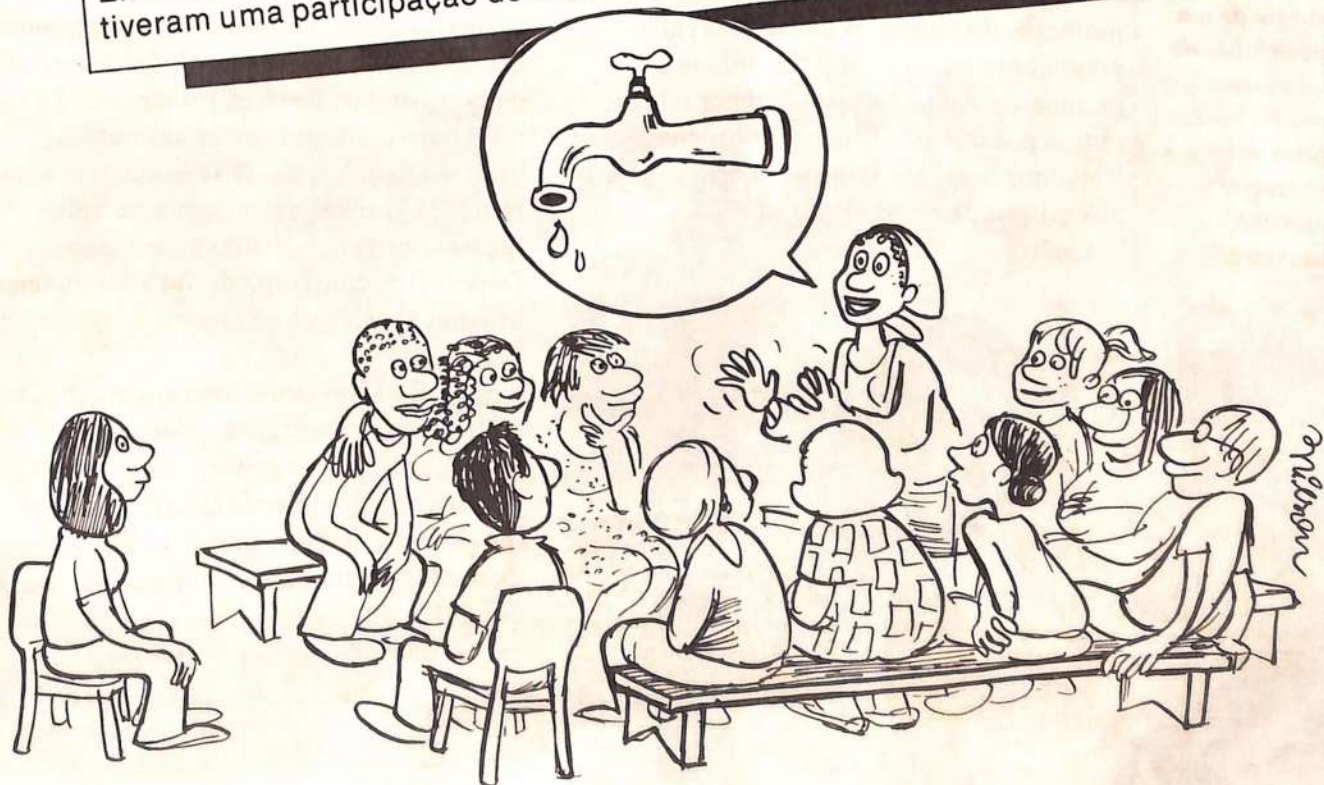
uma participação geral. O movimento de saúde se organiza em tudo que é bairro, mas é custoso unir 80 bairros. A gente tá suando pra se organizar em tudo que é bairro há mais de 4 anos. Tem oitenta bairros unidos com a gente tudo aqui na zona leste. Na zona sul também tem bairros que estão participando. A gente tá fazendo palestra daqui pra lá, de lá pra cá, trocando experiências. O grupo de mulheres do movimento está saindo fora agora. Mas ainda é muito difícil manter as pessoas organizadas.



Nós e as lutas nos bairros

Nos clubes de mães as mulheres participam de várias lutas nos bairros: **reivindicações de serviços públicos** — água, esgoto, telefone, creche, posto de saúde, hospital, educação, limpeza pública, etc., **reivindicações mais amplas**: Movimento do Custo de Vida, luta contra o desemprego; solidariedade e apoio: aos trabalhadores, menores, ao movimento dos negros, às famílias necessitadas, etc.

Uma das principais lutas foi a do custo de vida que começou em 1972 quando foi enviada uma carta às autoridades, denunciando a alta dos preços dos gêneros de primeira necessidade. Em 1.975, as mulheres, através dos clubes, fizeram um pesquisa sobre o custo de vida em mais de 2.000 casas. A partir daí o movimento cresce e desenvolve várias formas de luta: abaixo-assinados, assembléias, reuniões de representantes de vários bairros. Foi exigido do governo: congelamento dos gêneros de primeira necessidade, aumento do salário acima do custo de vida, abono salarial, etc. O ponto alto do movimento foi uma assembléia popular de 20 mil pessoas na Praça da Sé (em agosto de 1978), para entregar às autoridades um abaixo-assinado com um milhão e trezentas mil assinaturas. As autoridades não compareceram e houve intensa repressão policial. Em setembro deste mesmo ano, uma comissão do Movimento do Custo de Vida foi a Brasília entregar este documento ao Presidente da República e nem sequer foi recebida. Em outubro, o movimento se descentralizou para as várias regiões de S. Paulo e Campinas, realizando várias assembléias que ficaram conhecidas como "assembléias das painéis vazias". Em todas as etapas deste movimento as mulheres dos clubes de mães tiveram uma participação de destaque.



— A primeira carta foi publicada no jornal "O S. Paulo", foi lida na "Voz do Brasil" e na Rádio 9 de Julho (um dos motivos do fechamento desta rádio). Foi um negócio de destaque porque naquela época a repressão era grande. Nós estávamos numa situação difícil, mas não se ouvia falar nada dessas coisas. Logo em seguida foram feitas uma pesquisa e um abaixo-assinado com cerca de 1.800 assinaturas. O próximo passo foi barrado pela repressão. Um bocado de gente foi presa e não tivemos condições de levar o nosso trabalho.

— Quando a gente começou a fazer os clubes ainda tinham poucos movimentos organizados por aí. A gente ia falar sobre alguma coisa e o pessoal não sabia do que nós estávamos falando. Parecia que estávamos falando uma outra língua. A gente aprendeu discutindo. Depois, veio o Movimento do Custo de Vida e nós começamos a usar a mesma tática.

— A idéia de formar esse movimento surgiu de um dos clubes de mães que depois levou para outros. E começou a juntar as pessoas. Daí foi feita uma pesquisa, um abaixo-assinado e a discussão pra quem encaminhar este documento. Isso foi fortalecendo o grupo.

— Esta pesquisa foi feita pelas mulheres do bairro. A gente se dividia geralmente por ruas. Então, fulana e cicrana se responsabilizavam por tal rua, outras por outra. E a gente coordenava os trabalhos. Sempre tinha as coordenadoras dos grupos de mães escolhidas por votação.

"A idéia de formar esse movimento (do custo de vida) surgiu de um dos clubes de mães que depois levou para outros. E começou a juntar as pessoas."

— Essa pesquisa surgiu por iniciativa do pessoal da zona sul que já tinha uma caminhada um pouco maior que a nossa na zona leste. Depois dessa pesquisa um dos nossos objetivos era arrumar 1 milhão de assinaturas. Então isso aí foi muito bom, porque a gente saía de casa para colher essas assinaturas. Ia nos barracos, na favelas, ia em tudo quanto é lugar. Houve lançamento em todos os lugares. Os maridos levavam os abaixo-assinados para as fábricas e lá discutiam com os companheiros. Era uma coisa muito bonita! Você mexia com a consciência dos maridos, dos chefes e de todo mundo.

— Para refletir a gente organizava dias de estudo e convidava economistas e um monte de gente. E eles ficavam o dia inteiro fazendo reflexões com a gente; e o grupo foi se ampliando a nível de todo o Brasil. Depois começou a aparecer a divisão entre os políticos e toda aquela caminhada de brigas. Mas isto é um assunto que nós vamos discutir depois.

— Depois fizemos a concentração em frente à catedral. Isso foi em 1978. A Praça da Sé ficou tomada de polícia.

— Depois as autoridades não vieram buscar as assinaturas. Foi gente daqui pra Brasília, não foram recebidas pelo Presidente. Eles chegaram a dizer que as assinaturas eram falsas, mas a gente sabia que não era, porque a gente tinha morrido de tanto andar, de suar, tomar chuva e tudo mais para conseguir essas assinaturas.

— Quando a gente se juntava nessas reuniões grandes vinha gente de todos os lugares. Foi um trabalho muito bom. Depois o movimento passou a ser chamado **Movimento Contra a Carestia** e eu acho que existe até hoje ainda.

— Eu acho que o Movimento do Custo de Vida contribuiu para todas nós. Ele teve o seu papel. Muita gente criticava, achava que era um movimento errado. Mas foi um movimento nascido do povo. Não nasceu de nenhum movimento político, nasceu de um grupo de mulheres que viu a necessidade de alguma saída. Depois o bendito governo usou suas formas de luta.



QUE HISTÓRIA É ESSA? CLUBE DE MÃES

A história do movimento do Custo de Vida

1973 — Carta dos clubes de mães às autoridades.

1975 — Pesquisa dos trabalhadores em 2.000 casas a respeito do custo de vida.

1976 — Abaixo-assinado com 18.500 assinaturas e Assembléia (Colégio Santa Maria) de 4.000 pessoas pedem: congelamento de preços, aumento de salários, mais creches e escolas.

1977 — 5 de agosto: 700 representantes de 18 bairros elegem a comissão diretora do Movimento do Custo de Vida.

1978 — 12 de março: lançamento oficial do abaixo-assinado em diversas regiões da periferia da Grande São Paulo.

1978 — 27 de agosto: entrega do abaixo-assinado contendo 1.300.000 assinaturas na Praça da Sé. Compareceram cerca de 20.000 pessoas, mas nenhuma autoridade.

1978 — 29 de outubro: assembléias das painéis vazias nas regiões oeste, sul e leste, em Santo André e Campinas protestam contra o não atendimento de nossas reivindicações.

O movimento do custo de vida exige:

- congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade;
- aumento dos salários acima do aumento do custo de vida;
- abono salarial imediato e sem descontos para todas as categorias dos trabalhadores.

O problema do custo de vida não é fácil de se resolver. A luta contra a carestia é dura e demorada. Mas é só lutando e nos organizando que nós, o povo, vamos conseguir acabar com ela.

Unidos venceremos as dificuldades e estaremos contribuindo para que, no futuro, haja uma política em que as dificuldades econômicas sejam eliminadas e tenhamos liberdade para decidir o que é melhor para nós.

Fonte: Calendário do movimento do Custo de Vida.



O Movimento do Custo de Vida foi apenas um passo para a gente avançar a consciência. Foi uma sementinha que cresceu barbaramente. Mas não foi a única luta na qual as mulheres dos clubes de mães participaram.

— A luta por creche foi também muito importante. O peso da participação das mulheres foi grande. Foi uma das lutas mais organizadas da gente. Foi a partir dela que a gente tomou uma consciência maior ainda. Conseguimos várias creches e o pessoal continua se reunindo para melhorar o funcionamento dessas creches.

— O movimento de creches na zona leste tem se centralizado no Itaim. Em cada bairro nós fizemos uma comissão de creche para fiscalizar um pouco, ver se elas estão funcionando direitinho. Uma outra reivindicação nossa é colocar gente para trabalhar nas creches que seja do próprio bairro. Esse também é um dos trabalhos que nós temos nas comissões. Uma outra tarefa da comissão é chamar as mães para participar de reuniões, quando elas vêm inscrever os seus filhos. É pra elas sentirem que foi uma vitória nossa, porque pra gente que participou da luta por creches a briga tinha começado bem antes.

— Outra luta importante que eu me lembro foi as taxas das APMs (Associação de Pais e Mestres). É que nas escolas passaram a cobrar aquela taxa obrigatoriamente, quando antes as taxas eram livres. E a gente começou a ter aquela preocupação quando a gente via as mães chorando na hora de pagar a taxa, porque a gente sabia que elas não podiam. Nós nos organizamos, e surgiu a idéia de se fazer uma pesquisa, um abaixo-assinado ou qualquer coisa. Depois a gente começou a perceber que não era só o problema de escola, não era só a cobrança. Existiam mil problemas: como o da discriminação do aluno que não pagava e muitas diretoras os obrigavam a levar atestado de pobreza, a discriminação contra as crianças das favelas e tantas outras coisas. Eu acho que a partir daí toda região leste aderiu ao movimento. E foi um movimento muito grande.

"A luta por creche foi também muito importante. O peso da participação das mulheres foi grande. Foi uma das lutas mais organizadas da gente."

"Para nós o lixo foi também uma luta importante. E foram as mulheres que se organizaram."

— No nosso grupo, através de uma pesquisa feita no bairro, surgiu o problema do menor abandonado. Aí soubemos que o governo estava dando prioridade ao trabalho com menor. Trazer o OSEM (Orientação Sócio-Econômica do Menor) para o bairro foi a primeira conquista do nosso grupo, por volta de 1983. Alguns clubes de mães participaram da elaboração de um plano muito bem feito para assistir ao menor. Todas as crianças que nós temos e que participam das atividades se inscreveram por sua própria conta. Isso para evitar que as mães matriculem os filhos só para se livrar deles. Só depois de uma semana a gente convoca as mães para confirmar a inscrição.

— Então gente, o OSEM aqui no bairro é uma conquista das mães. O funcionamento é livre. As mães se juntam para pressionar a Prefeitura para liberar a verba, e a Secretaria da Família e do Bem-Estar Social (FABES) não interferem no funcionamento da nossa OSEM. Nós usamos a verba de acordo com as necessidades das crianças.

— Pra nós, o lixo foi também uma luta importante. Foi tão importante que abriu nossos olhos. E foram as mulheres que se mobilizaram. Tinham alguns advogados que ajudaram e as comunidades apoiaram bastante. Naquela época as mulheres não sabiam bem a sua força e a gente não tinha aquela consciência.

— A partir do lixo a gente começou a levar outras lutas, como por exemplo, a luta pela água, esgoto, posse da terra, pela luz, orelhão e outras.



O que se faz nos Clubes de Mães

Nem todos os clubes de mães desenvolvem atividades semelhantes. Em S. Paulo há uma grande variedade. Uns se reúnem só para fazer trabalhos manuais e receber alguns donativos (leite, roupas, por exemplo), outros podem até eventualmente fazer trabalhos manuais, mas se reúnem principalmente para discutir a condição do bairro, das mulheres e a situação da sociedade.

A grande maioria reúne-se uma vez por semana ou cada quinzena e dividem seu tempo em dois momentos: na primeira parte, fazem alguma atividade manual como pintura, crochê, tricô, corte e costura; trocam receitas de cozinha, etc. Na segunda parte, discutem os problemas da mulher no dia a dia, da vida em família, os problemas do bairro e questões gerais como: desemprego, salários, partidos políticos, etc.



— Vou contar um pouco como nós fazíamos as reuniões no clube das mães. A gente tinha a parte de tricô ou crochê. Depois que terminava a gente lia a Bíblia e refletia. Cada uma lia um trechinho e a gente depois comentava de acordo com o que está acontecendo na nossa vida. Quer dizer, aquilo pra gente era novidade: um grupo de leigos refletir o Evangelho sem a presença do padre e da freira. Então começou assim. Hoje nós nos batemos mais na reflexão do Evangelho a partir das necessidades do bairro.

— Quando é uma comunidade mais pobre, fazemos atividades de bazar. A gente dedica algum tempo a esses trabalhos como pintura, crochê para depois serem apresentados no bazar. Mas, normalmente, ficamos na parte de reflexão sobre o Evangelho e a vida; e os problemas que vão aparecendo. Os trabalhos manuais na verdade nós fazemos periodicamente. Não é uma atividade constante. A gente começou com os trabalhos manuais, mas não deu certo.

— Já no grupo de mães que eu participo faz tempo que a gente não discute textos bíblicos. Eu me lembro muito bem de um folheto que se trazia para as reuniões em que dizia que cada uma tinha capacidade para alguma coisa. Nessa parte a Igreja ajudou muito. Hoje a gente não discute mais religião dentro dos clubes de mães, porque a gente está fora da Igreja. Depois, acho que os clubes de mães são para frequentar pessoas de todas as religiões. A gente convidava pessoas independentes de qualquer religião e refletia sobre toda essa problemática que está aí na vida de todo mundo: é custo de vida, a total exploração, a violência e todos os problemas que atingem a todos. O pessoal não se interessa muito se a pessoa é católica. A gente fica discutindo o dia a dia de cada um, a vida que está vivendo. É isso que interessa porque todos vivem uma vida só de opressão, de exploração e tudo mais. Nessas discussões é que surgiam os problemas das mães. Desde há muito tempo as mães já estão habituadas com esse debate.

"A gente fica discutindo o dia a dia de cada um, a vida que está vivendo. É isso que interessa porque todos vivem uma vida só de opressão, de exploração e tudo mais."

— Uma das coisas que a gente fez nesses anos foi se reunir toda segunda-feira. Neste dia a gente discute todos os assuntos, inclusive aqueles que a gente diariamente vê na televisão. Num outro dia a gente tem reunião de diretoria. Tem também aquela programação nova que é a assistência pedagógica, o psicodrama, aquele teatrinho que é muito bom para desenvolver a gente. Tem dias que tem dois gatos pingados, tem dias que tem dez porque as mulheres não são constantes.

— No começo queriam que a gente pusesse trabalhos manuais, mas agora não. Quem só quiser trabalhos manuais não vai vir porque entramos em outros trabalhos como a luta por escolas, por creche, etc, que superaram tudo e acabaram tomando nosso tempo. Foi a partir dessas pequenas lutas que as mulheres começaram a participar e foram tendo uma visão maior das coisas.

Uma das coisas gratificantes para mim foi um curso de gestante que eu dei. Foi no próprio clube das mães e foi muito bom. Primeiro peguei orientações com técnicos, depois veio a vivência. Dei quase dois anos nesse curso. A gente falava da prática da gente, da experiência de vida enquanto mulher, enquanto mãe. Foi muito gratificante.

Uma outra coisa que nós fizemos foi um curso de comunicação popular. A gente reuniu algumas mulheres que fazem um trabalho e tentou ver com elas como poderia melhorar a comunicação, se expressar melhor. Foi feito, então, uma experiência de comunicação popular.



QUE HISTÓRIA É ESSA? CLUBE DE MÃES



Começou primeiro com as dificuldades de leitura e escrita, de pontuação, acentuação. Foi feito também um trabalho de gravação. As mulheres se reuniam, liam, ouviam e depois tentavam corrigir os erros.

Eu me lembro, também, que nos anos 77-78, por aí, nós começamos um cursinho lá na paróquia com um seminarista. Era um curso feito com representantes de todas as comunidades, um trabalho mais aberto, contando sobre a riqueza do homem, a História do Brasil e muitas outras coisas ligadas à gente. Depois que a gente fez esse cursinho a gente ia para as reuniões dos clubes e contava tudo o que tinha acontecido. Esses encontros entusiasmaram muito as mulheres porque nós começamos a descobrir que nós, mulheres, temos um papel na sociedade. Isto foi muito importante naquela época.

Nós fizemos muito cursos sobre saúde, educação dos filhos, educação sexual e muitas outras coisas. Nós tivemos o último aqui na Sociedade Amigos de Bairro e foi muito bom. Agora mesmo, lá no bairro, vai começar um curso sobre educação dos filhos, uma orientação para os pais e para as mães. Geralmente esses cursos são feitos para as mulheres e o marido fica fora trabalhando. Mas o pessoal quer que o marido tenha alguma participação. E lá está uma revolução para levar também os maridos. Porque uns querem ir, outros não.

— Você quer saber quais os trabalhos que a gente tem feito que podemos considerar um êxito? Nós temos assistência à polícia-mirim quando estavam no começo e não tinham assistência do governo. Os enxovaiszinhos que distribuímos são feitos por mulheres voluntárias que trabalham em silêncio na sua casa. Um outro trabalho importante que a gente fez, foi ter conseguido trazer o centro de saúde para cá e fiscalizar os serviços que o Estado presta. Então, só o fato de estar dentro do movimento de saúde, de fazer a mulherada conhecer os direitos que tem, já é um trabalho muito importante. O tempo que eu participei do centro cultural leste também achei importante aquelas feiras que nós fazíamos para divulgar o clube. Através disso houve uma abertura na questão da arte, da nossa sensibilidade, da percepção que a gente tem das coisas do mundo. O centro cultural também me abriu para a política.

— Antigamente a gente via as mulheres tão paradas, o pessoal pensando que o governo deu tudo de presente. Hoje em dia, o pessoal não pensa assim. Isso tudo foi muito através do clube de mães, das nossas reuniões e reflexões. Quer dizer que a organização, as lutas serviram um pouco pra formação desse pessoal.

— Mas a coisa mais importante que aconteceu pra mim, honestamente, foi conseguir que as mulheres tivessem um pouco mais de união, se conhecessem

"A coisa mais importante foi conseguir que as mulheres tivessem um pouco mais de união, se conhecessem melhor e parassem pra discutir o problema da mulher e do bairro."

melhor e parassem para discutir o problema da mulher e do bairro. As outras coisas foram consequências dessa união. A gente parou pra pensar que somos do mesmo bairro e temos de ter tudo que falta porque são direitos nossos e outros também que gostaríamos de conquistar. Mas no bairro isso não é muito fácil. Nós temos boas mulheres, mas elas não podem participar de uma reunião porque têm de estar lá na máquina. Trabalha, trabalha para costurar em casa... Porque a fome é maior que tudo gente! O nosso mal maior está na fome. A fome é grande e não tem cabeça boa com fome.

Quem coordena os Clubes de Mães?

Em São Paulo, um número importante dos clubes de mães são coordenados pelas próprias mulheres, escolhidas periodicamente. Existem também aqueles que não têm uma coordenação fixa e os que são coordenados por religiosos ou outros agentes externos.

Segundo o levantamento realizado pela Rede Mulher, na zona leste, dos 94 clubes de mães pesquisados poucos mais da metade são coordenados pelas próprias mulheres. Entre os restantes, 19 são coordenados por agentes externos ou com sua ajuda.



Eu acho muito triste os grupos que não têm direito de escolher a sua coordenação. Ainda tem muitos lugares que os clubes de mães não são dirigidos por nós.

— No nosso grupo a gente não tem coordenadora fixa. A gente escolhe todo mês dentro do grupo duas mulheres para coordenar. Então, as duas que coordenam aquele mês, são responsáveis para saber o que nós vamos fazer, que atividades vamos levar. Depois, no fim do mês, a gente faz um boletim com aquilo que fizemos. Assim, não tem uma mulher que vai ser coordenadora sempre e sim todo mundo vai crescer junto. Algumas comunidades já pensaram na possibilidade de eleger uma coordenação mais fixa, mas nós temos muito medo de cair numa ditadura, de aparecer pessoas mandonas.

— Lá no bairro, a gente está tentando unir em nível de setor, de região. São sete setores que a gente está reunindo. E antes, era uma irmã que era a coordenadora e agora o pessoal achou que não deveria mais ser uma freira, tem que ser uma mãe.

Na zona leste já tem alguns clubes com a coordenação formada por setor. Já tem várias paróquias com um grupo de coordenação que participa em nível de setor. E tem as minicoordenações que abrangem todas as comunidades de uma mesma paróquia. Está mais ou menos nesse nível. Então, os problemas que a gente tem em cada clube são levados nessas minicoordenações uma vez por mês. E aí a gente discute as saídas pros problemas que temos. E na coordenação de setor, então, se discute o problema geral, que são as lutas que a gente vai levando, como está seu andamento, etc. A gente passa uma informação hoje e até o fim da semana todas as mães estão sabendo dessas informações, porque um clube de mães vai passando para o outro.

— No clube de mães que participo existem sócios que são chamados para discutir e decidir sobre a eleição da nova diretoria.

— No meu clube tem um estatuto que rege a diretoria,

tudo bonitinho. E tem a eleição a cada dois anos. É um trabalho diferente e não é ligado à Igreja. Cada sócio paga uma mensalidade, mas é uma coisa simbólica, para manter a sua estrutura.

Nós temos presidente, vice-presidente, tem estatuto do clube de mães e aquela coisa toda. Mas, se a gente quiser levar qualquer trabalho não é a presidente que vai decidir. Primeiro, vai discutir no grupo. Presidente e vice-presidente é só na papelada porque nós trabalhamos em grupo.

— Lá no nosso clube também temos presidente, vice-presidente, mas todas as reuniões são feitas em grupo. No começo do ano fazemos um planejamento de todo o trabalho e no ano seguinte a gente faz uma avaliação. Nós não decidimos nada sem discutir na reunião de segunda-feira. Nas segundas-feiras, a gente discute todos os assuntos e combina as coisas.

— O nosso clube de mães é bem mais simples. É um grupo de mulheres que se reúne para trabalhar em comunidade e vai se organizando. Cada uma colabora com aquilo que pode. Dali, vão surgindo as idéias para a gente ir trabalhando. Não tem

estatuto. Os estatutos ficam na Sociedade de Amigos de Bairro que já está fundada. Não é uma coordenadora quem manda, que faz tudo. Todo mundo tem vez. Quem quiser colocar uma coisa coloca mesmo, depois todo mundo discute. Mas, mesmo assim, eu acho importante a coordenação, porque senão houver, vira bagunça. Eu acho que tem de ser uma coordenação de no mínimo dois anos.

— Nós não somos mais aquele grupo de mulheres que vamos pedir autorização a padre e freira. Quando nós tomamos uma decisão de fazer alguma coisa, já é uma coisa nossa. Mas acredito que, no geral, dentro das comunidades, as pessoas não decidem tudo mesmo. Tem mesmo um trabalho mais de cúpula, a gente vê que não é qualquer pessoa que faz e decide. Vem de cima mesmo. Agora, em nível de trabalho de mulheres nós já estamos bastante liberadas pra fazer o que a gente acha que é certo. Mas eu tenho visto muito clube de mães que não tem autonomia nem de trabalhar, eles estão muito submissos. Nós não, já estamos bem independentes, fazemos o nosso trabalho pra nós mesmas. Mas tem grupos que estão ainda com muitas dificuldades.

"Nós não somos mais aquele grupo de mulheres que vai pedir autorização a padre e freira. Quando nós tomamos uma decisão de fazer alguma coisa, já é uma coisa nossa. No geral, dentro das comunidades as pessoas não decidem tudo mesmo."



Do Clube de Mães aos outros movimentos

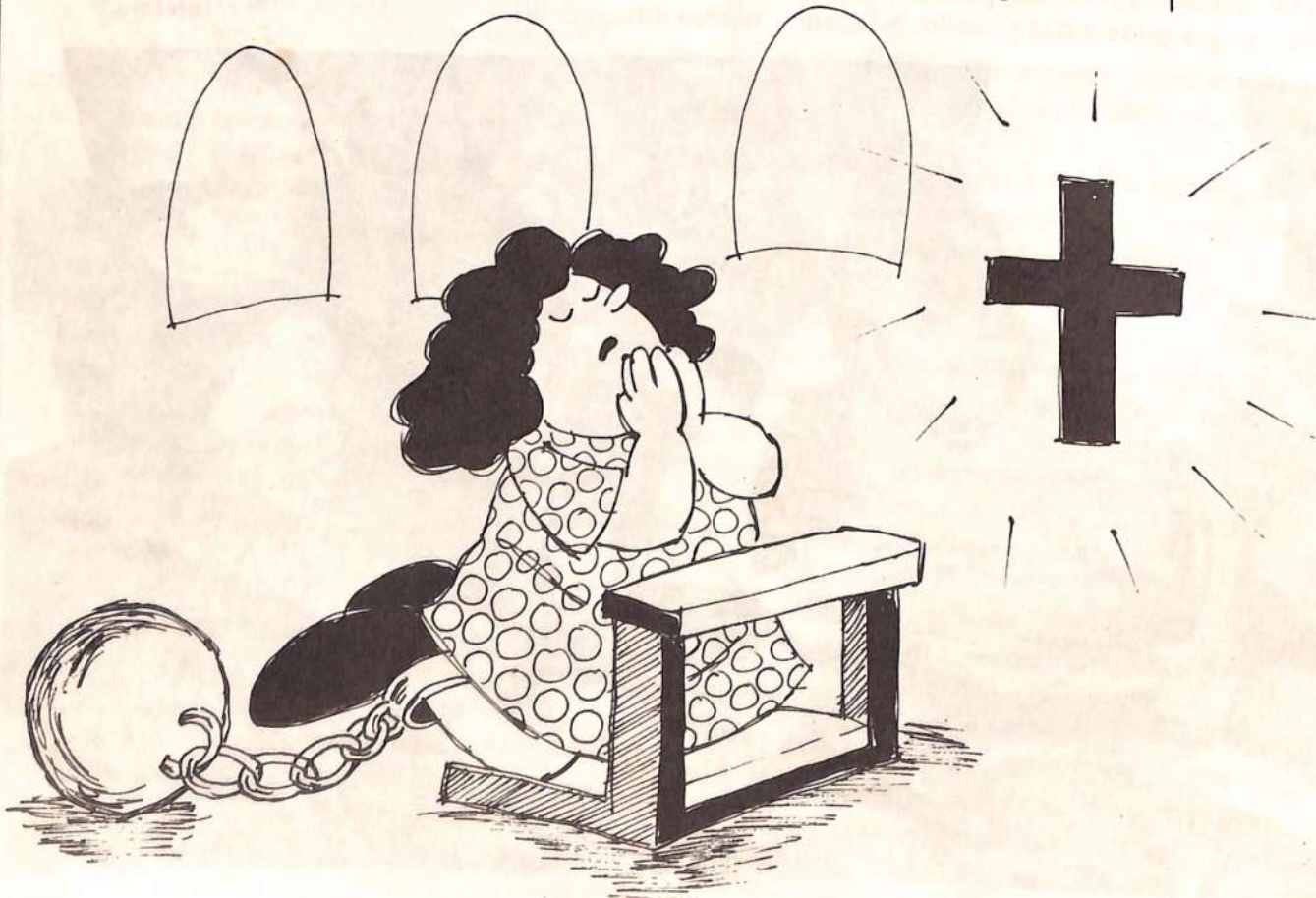
A relação dos clubes de mães com outras instituições, como os partidos políticos, Igreja e Sociedades Amigo de Bairro, marcou, desde o início, a formação desses clubes. Algumas instituições, como a Igreja, por exemplo, foram importantes para a constituição de muitos clubes até o momento em que as próprias mulheres passaram a questionar a sua relação com ela, exigindo mais autonomia de ação e responsabilidade na organização. A relação dos clubes com as Sociedades e os partidos sempre foi tensa. O autoritarismo, o machismo, etc. foram (e são até hoje) os obstáculos difíceis que as mulheres encontraram para participar das diretorias das Sociedades. E nos partidos enfrentam aqueles que querem transformar o movimento em correia de transmissão de seus partidos.

Amém, não senhor, queremos participar!

— A Igreja teve seu papel no processo de criação dos clubes de mães. Nós

aproveitamos muito o trabalho da Igreja, mas teve muita gente que se afastou porque ela estava se envolvendo politicamente.

— Nós vimos que a Igreja tem duas faces. Uma que é conservadora, que não tem interesse de organização e quer



assegurar o seu poder. Essa é a Igreja que diz: quanto mais pobre e mais desgraçado você é, mais você vai conseguir o céu. Agora, tem uma outra Igreja, falando que a gente tem que lutar, conquistar. Essa promove a mulher dentro dos movimentos e lhe ajuda na participação. Nessa Igreja a gente encontra mais espaço. Nas comunidades a mulher teve vez, começou a falar, a pôr as coisas para fora. E foi por aí que nós conseguimos descobrir as coisas.

— Na minha opinião, na época em que começou a abertura da Igreja, o que ela encontrou realmente foi a mulher, porque os homens vão para seu trabalho e não tem oportunidade. A mulher que estava dentro de casa também encontrou uma saída que foi participar do clube de mães. Então a mulher assumiu isso de unhas e dentes.

— A gente tinha tão pouco direito de participar que, quando a Igreja colocou tudo aquilo, a gente começou a se questionar. A Igreja ajudou a conscientizar a mulher a ter maior liberdade, deixar de ser escrava.

— Mas a gente percebe também que dentro da Igreja, muitas vezes, a gente está sendo escrava. De repente a gente foi assumindo mil coisas no movimento popular, na catequese, na liturgia e não sei que mais. E não sobra um tempinho pra gente.

— De repente a gente percebe também que tem um grupo da Igreja que decide o que vai fazer nas comunidades. Muitos trabalhos foram jogados nas costas dos leigos, mas na hora das decisões ainda é lá em cima que se decide. Tenho visto, por exemplo, clube de mães que até dos bazares ou de qualquer coisa que dê lucro, são obrigados a dar a metade ou uma percentagem muito grande para a Igreja. E as mulheres dão tudo na ajuda de construção de igreja ou centros comunitários.

— Tem muitas irmãs que são ótimas. Mas tem outras que são muito autoritárias. Eu acho que até isso aí não é culpa delas. Foram criadas dentro de um sistema completamente diferente durante muitos anos e, de repente, a Igreja solta esse pessoal no meio do povo.

"Tem outra igreja falando que a gente tem que lutar. Ela promove a mulher dentro dos movimentos."

"A idéia de participar na sociedade amigos de bairro começou no nosso clube de mães. Então, numa assembleia da comunidade vimos que isso não é um bicho de sete cabeças."

"Muitos trabalhos são jogados nas costas dos leigos, mas na hora das decisões ainda é lá em cima que se decidem."

— Eu vejo muita gente que não consegue se desgrudar da Igreja. A gente precisa começar a ser mais forte nas horas de decidir alguma coisa. Se você enxerga muita coisa por conta própria, de vez em quando você até questiona a Igreja, enquanto instituição.

— Agora, eu acho que não é tanto culpa do padre ou da irmã. É culpa um pouquinho da gente, porque na hora de assumir a gente fica sempre esperando que o padre ou a irmã tome a iniciativa.

Participar não é um bicho de sete cabeças

— A nossa obrigação enquanto mulher é também ir para onde os homens estão e fazer com que eles tenham uma visão mais larga. Se a gente ficar fechada só dentro da Igreja, eles vão acabar levando as coisas sozinhos.

— A idéia de participar da Sociedade Amigos de Bairro começou no nosso clube de mães. Então, numa assembleia da comunidade vimos que isso não é um bicho de sete cabeças.

— Mas nós tivemos muitas dificuldades em participar da Sociedade. Hoje, nesse bairro, a Sociedade é quase só composta de mulheres, mas quando começamos foi muito difícil. Era uma sociedade de cabeça tão antiga que era difícil a mulher trabalhar com aqueles homens todos. O páreo era muito duro porque os homens, além de ter a cabeça mal feita, eram muito ignorantes, com certas grosserias. Então, toda vez eu brigava. Briguei tanto que fiz uma carta de demissão. Mas, logo depois, o presidente também começou a ser pressionado porque a Sociedade é uma equipe de trabalho e ninguém queria que ele fosse como um cacique que manda em tudo. Aí convocaram uma assembleia e a mulherada fez todo um trabalho sem eu saber. Quando eu vim saber, a mulherada já tinha feito a cabeça do pessoal para eu ser candidata a presidente. No dia da eleição, vim participar e quando cheguei lá tinha gente da antiga diretoria. E eu pensava: "Eles

agora vão ser eleitos.” Eles vieram com cabo eleitoral e eu ali no meu papel de moradora. Quando percebi, todo mundo se levantou e disse: “Quem tem que ser presidente aqui é a dona Benedita, porque ela é quem trabalha. Aí fiquei meio sem graça porque parecia até que tinha sido uma coisa arrumada. E não foi. E eu falei: “O que vocês foram me arrumar? Só que eu vou realmente assumir se puder escolher quem vai trabalhar comigo”. Tanto é que não completamos nossa diretoria até agora porque nós não aceitamos qualquer um pra trabalhar com a gente. Mas mesmo assim as coisas se tornaram um pouco mais fáceis.

— Nós tivemos dificuldades parecidas quando resolvemos entrar na Sociedade. Quando eu fui para lá éramos só três e eu me sentia muito mal no meio de tanto homem. Os maridos iam e as mulheres ficavam em casa. Depois, começamos a fazer campanha também com os maridos. “Vocês tem de trazer sua mulher aqui! Aqui é um ambiente sadio. Por que vocês não podem trazer sua mulher aqui?” — perguntávamos. E aí a coisa foi melhorando. Agora, nas reuniões, já há bastante mulher participando. Todo terceiro domingo a gente reúne os sócios e eles vêm e fazem denúncias. A gente discute e tira comissão prá encaminhar: nunca a diretoria encaminha sozinha, sempre é por comissão. Não tem nenhuma restrição. Quem quiser participar pode vir. Nós temos um dia em que a gente discute assuntos ligados a mulher. Eu acho isso importante porque a gente discute outros assuntos e não só reivindicações ligadas aos problemas do bairro. A gente discute o dia a dia das mulheres.

— No nosso pedaço a Sociedade não funciona. Pelo contrário, só estraga. A gente nunca fez esforço pra entrar na Sociedade. Começaram uma luta pela canalização do córrego. Só que a gente observá que as coisas estão muito em torno da linha político-partidária, de carreira política. Esse ano estão querendo que a gente se associe. Eu, por exemplo, acho que a gente não tem que ficar sócias de sociedade nenhuma, porque aí vão formar

“No nosso pedaço da sociedade não funciona, pelo contrário, só estraga.

A gente nunca fez esforço pra entrar nela.

Como é que a gente vai se associar com uma coisa falida?”

“A gente discute outros assuntos e não só reivindicações ligadas aos problemas do bairro.

Discutimos o dia a dia das mulheres.”



chapa em nosso nome. E só tem um diretor trabalhando lá. Como a gente vai se associar a uma coisa falida? Quer dizer então que nós vamos trabalhar pra eles? Eu não acho isso justo!

Pisando em ovos

— A participação das mulheres dos clubes de mães na política sempre foi difícil. A nossa associação, por exemplo, nunca foi ligada a nada, sempre foi independente. A gente não é ligada a partido. Ali, a única que tomou uma linha partidária fui eu. E quando me filiei, parecia que estava pisando em ovos para contar pra mulherada que tinha uma opção política.

— Isso porque a gente acredita que nada vai mudar se o povo não for junto. Agora, tem pessoas que pensam diferente. Aham que é necessário primeiro por um lá em cima e depois que estiver lá ir, arrumando de cima para baixo. Não é fácil. Nós já participamos de partidos, de Sociedades Amigos e de tudo que aparece. E a gente sente que o que se fala na teoria, é bonito. Mas na prática a gente vê que é uma coisa bem diferente.

— Eu já acho que o mais importante é a união do povo. Sem a união, o povo não vai a parte alguma. Por que a gente hoje está toda esfacelada? No passado a gente foi muito unida, o nosso trabalho caminhou e se valorizou muito. Foi um negócio muito

valioso. Agora, nós sentimos que cada um foi para um lado. Não sei, mas acho que se a gente se unisse e tentasse passar por cima das mágoas, se faria tantas coisas!

— Nós tivemos muitos momentos de unidade, principalmente até 1977. Nós estávamos embarcados na mesma canoa por causa do problema da repressão. Veio a anistia e depois começaram as divisões. Na minha opinião, isso foi uma tática inteligente do governo porque viu que se os movimentos continuassem a crescer, eles poderiam perder.

— A divisão partidária aconteceu também nos clubes de mães no Movimento do Custo de Vida e em outros movimentos. No Movimento do Custo de Vida aconteceu depois da entrega do abaixo-assinado em Brasília. Não houve, portanto, uma compreensão do momento político que se estava vivendo e cada um começou a ver as coisas diferentes. Depois surgiu a tal de reformulação partidária e cada um foi para seu canto.

— E na época em que o governo falou que poderiam ser formados vários partidos, começaram a se agrupar gente de algumas tendências que tem por aí. O objetivo deles era ter o seu partido no futuro, mas não o partido que a gente estava querendo. O partido que eles queriam é o partido que eles têm na cabeça: eles na frente e o povo correndo atrás. Foi aí que começou aquele corre-corre de cada

"Eu acho que a coisa mais importante do mundo é a união do povo. Sem a união, o povo não vai a parte alguma."

"Nosso objetivo era de um dia ter um partido que nascesse das lutas do trabalhador, do sindicato ou dos clubes de mães. Mas isso não amadureceu."

um querendo ser dono do clube de mães ou do Movimento do Custo de Vida ou do Movimento de Creche.

— Nosso objetivo era um dia ter um partido que nascesse das lutas do trabalhador no sindicato ou dos clubes de mães. Seria um partido pra onde fossem pessoas que estavam vivendo o sofrimento do dia a dia do povo. Era esse o nosso pensamento. Mas isso não amadureceu.

— Eu me lembro que naquela época a gente achava que antes de escolher candidato se deveria fazer uma pesquisa com o pessoal para que eles escolhessem os seus candidatos, já que para construir o partido a coisa tinha que começar de baixo para cima. Eu falei que deputado nenhum iria mudar a nossa situação; e que, se não fosse através dos movimentos populares, a situação do Brasil não iria mudar. Quando terminou a reunião, me pegaram de pau. Foi a primeira vez que senti alguém impor alguma coisa em cima dos outros. Me chamaram num canto e disseram:

— Você é uma liderança. Não pode falar isso de jeito nenhum.

— Mas, por que eu não posso? É isso que eu estou sentindo.

— Você falar isso é um equívoco!

E depois, fiquei pensando: "O que fiz de errado?"

Daí em diante, começamos a perceber que eles queriam que a gente aceitasse o que eles queriam. E a gente achando que



não era por ali. Começaram a fazer as coisas de cima para baixo sem consultar o povo. Nós já estávamos com um nível de consciência que não dava prá jogar na frente e a gente ir atrás. Seria o caso de você puxar junto e não ser puxado. No momento em que eles traziam as coisas prontas e a gente não aceitava, eles ficavam zangados. Depois que a gente falava o que tinha discutido e eles, com muito jeito, colocavam a conclusão deles, procurando intercalar junto o que a gente tinha dito, discutido. Aí batia e tudo bem; e a gente acabava aceitando. No momento em que a gente começou a perceber isso, a gente passou a não engolir mais e daí começaram as brigas. O último treinamento que nós fizemos, parece que nós estávamos na beira da revolução e que todo mundo ia derrubar o Figueiredo. Era um negócio louco. Foi só uma técnica que se usou. O pessoal ia na frente, dizendo que tinha que se lutar por isso, por aquilo. No final se via que a luta, toda aquela união não era outra coisa, senão isso. Só que nós achávamos que tinha muitos caminhos para se chegar aí. Tinha ainda muita opressão pra se derrubar.

Depois veio a avaliação. E nós falamos que ainda não estávamos preparados pra derrubar o governo, que não era isso que a gente estava almejando para já. Isso nós temos de preparar mais, porque se a gente derrubar já o que tem, quem a gente vai colocar no lugar? E alguém nesse momento gritou: "Você pode assumir o lugar do Figueiredo!" Era um negócio assim de louco.

Nós não podíamos misturar o trabalho das comunidades com partido político. Porque no partido a gente tem que participar e ajudá-lo a crescer tanto na política partidária como em qualquer outro lugar, não é mesmo?

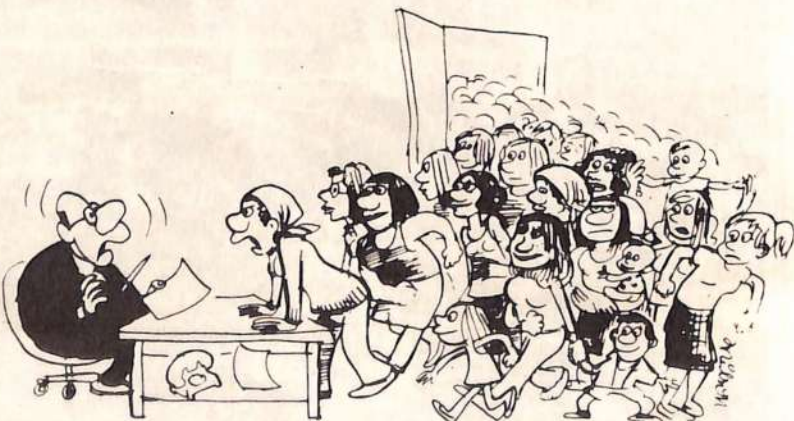
A gente sempre ouviu e falou isso, mas de repente, quando chega o momento do salto a gente não pode dar. Então, eu falei: "bom, se eu fosse uma candidata continuaria participando junto com os clubes de mães".

— O que desmanchou muito o movimento foi quando eles quiseram torná-lo uma frente, fazendo as coisas de cima para baixo. Quando eles perceberam que as mulheres estavam começando a se organizar e ter uma força, pensavam que com essa força de participação, eles poderiam chegar à revolução do jeito que eles pensam. Foi quando a mulherada começou a se preocupar.

— É lógico que a gente tem que estar dentro de um partido ou pelo menos tomar conhecimento do que acontece na política partidária. Mas a política do povo é ainda a política da união, buscando soluções pra melhoria. Pelo menos é o que dá para observar aqui. Então eu acho que a gente tem que discutir a política partidária, saber aonde a gente está, qual a política que nós estamos querendo levar. Porque a maioria dos políticos está mais preocupada em sua promoção e não no povo que está aqui em baixo.

— A questão política é uma coisa muito séria. A gente tem que ver quem está encaminhando a luta do povo. Eu acho que é preciso uma formação política da gente. Ver como a gente vai encaminhar as lutas dentro da nossa realidade, da mulher explorada, do povo explorado; como a gente vai encaminhar as coisas dentro do partido. A gente tem que ter uma opção política também pra levar as lutas. Eu vejo isso como um processo.

"A maioria dos políticos estão mais preocupados em promoção, em estar por cima. A gente não, temos que encaminhar as lutas dentro da nossa realidade, de mulher explorada, de povo explorado."



E agora?

Todas as mulheres entrevistadas reconhecem a importância que os clubes de mães tiveram na mudança de vida de cada uma. Foi através das atividades desenvolvidas no clube de mães que se descobriram enquanto mulheres e tentaram assumir um papel diferente daquele que até então conheciam.

Mas nem tudo foi um mar de rosas. Muitas mulheres tiveram que enfrentar dificuldades e problemas no seu dia-a-dia para fazer valer um pouco os seus direitos enquanto pessoas. E agora, após tantos anos de trabalho nos clubes elas se perguntam: o que fazer? O que fazer para que mais mulheres abram os olhos para a sua situação, valorizem-se como mulheres e tenham coragem de juntas buscar um caminho para melhorar a vida de todo mundo?



Valdete — Foi com o clube de mães que consegui aprender muita coisa, abrir a mentalidade. Pelo menos agora, aonde a gente vai, sabe porque tá indo, o que tá

fazendo, porque tá fazendo e em certos apertos a gente sabe como responder pra sair dele, né? Acho que valeu muito. E olha, pra mim sair dessa luta só se ficar

entrevada ou morrer, porque, enquanto tiver força, eu não saio. Gosto muito, tô sempre correndo, mas faço porque eu gosto.

Joana — Eu também mudei de consciência. Antigamente pensava assim: se Deus fez os ricos, os pobres tinham mais é que se conformar com isso. Era mais ou menos assim: o pau que nasce torto não tem jeito; morre torto. Quer dizer, comparava as pessoas com um pau, que não muda nunca!

Graça — Nossa! E eu então? Como mudei o modo de ver as coisas! Tudo que escutava na televisão, no rádio eu acreditava, não conseguia refletir sobre a vida e nem o porquê disso ou daquilo. No grupo de mães fui escutando, porque às vezes não soltava uma palavra nas reuniões, ficava caladinha. Mas assim fui aprendendo a refletir sobre o que eu via e escutava...

Anna — Bem, antes do clube de mães tinha descoberto que precisava sair de casa. Agora, escrever poesia, jamais! Então foi assim: o nosso clube de mães foi convidado a participar junto com o centro cultural da região leste de S. Paulo de uma feira de arte. Primeiro, a gente pensou em montar só uma barracinha pra vender cachorro-quente, doces e outras coisas, mais para pegar dinheiro, né? Mas quando a gente combinava tudo, chegou a nossa orientadora pedagógica e falou:

— Vocês não têm vergonha de só mostrarem o talento de vocês na cozinha? E nós, muito espantadas, perguntamos:

— Mas, o que a gente pode fazer?

— Não sei, qualquer outra coisa, respondeu. Cada uma pode dar uma mensagem à população, por exemplo.

— Mensagem? O que vamos escrever para a população que vai a uma festa de arte? - dissemos.

— Por que vocês não escrevem alguma coisa enquanto mulheres? Vamos passear um pouco pela sala e pensar alguma coisa. Vamos pôr naquela praça um varal assim com poesias, cartazes...

Aí cada uma tratou de passear na sala

"Pra mim o clube de mães foi a descoberta das coisas que a gente tem de valor".

"Se você não participa de nada você é a Maria que está lá na cozinha, fazendo almoço. Mas, de repente, você pode ser Ana. Aí já não é a mesma pessoa, você muda de figura".

e pensar. De repente, vejo uma borboleta ali na janela e me lembrei que a gente é bem casulo, aquele negócio de sair de dentro da casa, querer bater asas. E eu fiz o meu primeiro trabalho. Foi uma poesia da borboleta sobre a mulher. A mulher é bem isso mesmo, né? Eu sei que fiz duas poesias e botei lá na praça. E o resto da mulherada também: cada uma mandou uma mensagem a seu modo. Ficou bonito aquele varal dependurado na barraca. E assim nunca mais parei de escrever. Então, é muito importante a gente se descobrir, porque para mim o clube de mães foi a descoberta das coisas que a gente tem de valor.

Dora — Uma coisa que eu acho muito importante no nosso trabalho é que as mulheres colocam pra gente que o clube de mães foi o melhor remédio que elas encontraram na vida. Porque antes, muitas vezes estavam sempre doentes, nervosas, agitadas e preocupadas demais com os problemas. E, de repente, começaram a participar do clube de mães e sararam de tudo!

Ana — Já pra mim o trabalho no clube de mães me ensinou que se você não participa de nada, você é a Maria que está lá na cozinha, fazendo almoço. Mas, de repente, você pode ser Ana. Aí já é a mesma pessoa, você muda de figura, você adquire um novo comportamento, uma mudança. É uma transformação na vida da gente. De repente, você descobre que tem outras coisas na vida que você pode fazer, que você tem importância.

Elza — Foi através da participação que eu deixei de ser aquela mulher tão oprimida. Agora, pra mim, ser mulher é uma coisa maravilhosa! Me sinto mais importante porque assumi um papel diferente. Deixei de ser aquela mulher que só cuidava de casa, dos filhos e costurava para fora para ganhar o pão. Vocês sentem isso também? E, olha, agora acredito muito na força e na capacidade das mulheres para mudar tudo isso que a gente vive, sabe?

Rute — Pelo menos, é o que a gente percebe nesses anos todos de trabalho.

Imagina, se há 10 anos atrás a gente conseguia levar um homem pra ficar fazendo o serviço, enquanto a gente ia num encontro de dia inteiro pra discutir os nossos problemas! Nem passava isso pela nossa cabeça, né? Há pouco tempo fizemos um encontro com 600 mulheres na zona sul. E os homens ajudaram a servir o almoço, cuidar de crianças. Então, pra mim o clube de mães não só educou as mães, as mulheres como educou muitos maridos, filhos e até o operário.

Joana — É, graças à mulherada que luta nos clubes de mães, vai entrando o filho da gente e às vezes também o marido, né?

Do chinelo ao pente sempre dei tudo na mão

Dita — Mas eu acho que a luta já teria pegado fogo se não fosse o machismo do marido e dos filhos que também seguram muito a participação da mulher.

Rita — Tá certo! Se a gente não fosse muito perseverante, a essa hora estávamos lustrando a casa. Se fosse atrás deles a gente tinha abandonado tudo, não é verdade?

Foram muitas as dificuldades que as mulheres enfrentaram para sair da vida rotineira de casa: a desconfiança dos maridos, a proibição dos pais, os cuidados com os filhos, o trabalho de casa que fica todo em	seus ombros e os comentários nas ruas, bares e até das próprias vizinhas. Mas tem problemas que ainda permanecem porque estão bem lá dentro das mulheres, mesmo daquelas com uma certa experiência de luta.
--	---

Elza — Agora, depois de todos esses anos de participação nos clubes de mães, o meu marido só faz cara feia ou fica emburrado, né? Em outras épocas, era briga mesmo. Cada vez que tinha de sair precisava inventar mil histórias. Eu mentia pra poder sair.

Francisca — Eu também briguei muito. Mas sempre fui discutindo com o meu marido o porquê de tudo isso e uma hora ele reconheceu que não adiantava brigar. Mas assim mesmo ele ficou até doente por causa da minha participação. E aí resolveu fazer terapia. Ele teve a consciência de lutar com ele mesmo a tal ponto de fazer terapia. E o seu, Graça?

Graça — O meu marido? Nem te falo, até enchia o carão de pinga pra me tirar da luta.

Margarida — Bem, o meu não chegou a esse ponto, mas até hoje ainda não aceita a minha participação. O maior problema que tenho é que, pros outros, ele diz que tenho liberdade pra fazer o que eu quiser. Mas, quando estamos sozinhos a coisa muda e ele fala: “Não pára em casa, só vive pra Igreja. Devia mesmo ir morar lá de vez, porque agora só vive atrás de política”. E assim vai, a coisa é muito séria. Já teve reunião que cheguei chorando. Que vergonha! O povo pergunta e tenho que mentir. É duro, gente, ter uma coisa apertando e não poder contar.

Rute — É isso aí. Às vezes o marido não proíbe, ele não briga, mas ele não dá condições. A comidinha tem que ser feita na hora e a mesa bonitinha, né? Aí ele não tá dando condições porque exige muito. Mas também quando se quer uma coisa, se dá um jeito. Eu, por exemplo, nas quartas-feiras venho ao clube de mães mas já deixo a janta pronta. Nesse dia não tenho essa preocupação mais e procuro chegar até junto com o meu marido em casa. Ele não é contra, ele participa até mais do que eu, mas nesse ponto é exigente. Ele não gosta de comida requentada, só que eu não ligo muito porque ele não sabe que está sendo requentada; dou uma tapeação assim.

Neusa — A mulher que é, assim, responsável pela casa fica meio tonta, não sabe como fazer. Então sempre me pergunto: por que os homens não resolvem assumir um pouco o serviço de casa? O meu marido, se eu não estiver em casa, ele não come. O seu assume de fazer comida?

Rita — O meu faz!

“O clube de mães não só educou as mães, as mulheres como educou muitos maridos, filhos e até o operário”.

“Por que os homens não resolvem assumir um pouco o serviço de casa? O meu marido, se eu não estiver em casa ele não come”.



Joana, Elza, Dita — O meu não come...

Francisca — Mas, sabem o que eu acho? Mesmo que o marido não se incomode, tem um monte de problemas que está muito dentro da gente também. É aquela coisa de não se libertar de ser assim, a "dona da casa". Por exemplo, eu não consigo até hoje ver chegar a hora do almoço ou da janta e não estar ali em casa pra resolver o que se vai ou não fazer. Mesmo nos dias especiais, quando temos encontro de dia todo, também dou um jeitinho de deixar alguma coisa já pronta e encaminhada, sabe? A gente não consegue ainda fazer como os homens, que na hora de sair saem e na hora de voltar voltam e pronto. As mulheres sempre se sentem culpadas de tudo, né?

Margarida — O meu problema é esse também porque em 25 anos de casada só cuidei da casa, dos filhos e do marido. Do chinelo ao pente, sempre dei tudo na mão. Agora se vou participar, tenho que fazer tudo isso porque já pus antes esse costumes neles... Eu fico esgotada. O que

não dá para fazer durante o dia, emendo com a noite. É muito serviço e as meninas ajudam, mas os meninos não. Eu sempre digo, não ponho comida na mesa porque ponho no prato deles.

Dora — Mas você não consegue deixar de fazer, né?

Margarida — Eu não consigo porque eu já fui criada assim.

Luisa — A história das mulheres é tudo igual. Só que a minha é um pouquinho diferente. De primeiro meu marido achava estranho as minhas saídas, depois acostumou e hoje nem liga, né? Ele foi trabalhar na Volks e lá começou a participar do sindicato e foi vendo as coisas de outro jeito, do direito do trabalhador. Ele hoje tem uma visão bem ampla, sabe? Isso tudo ajudou bastante. Outro dia estava conversando com ele e aí a gente viu que precisa acompanhar as lutas para crescer juntos, senão um não entende o outro. Um tem a cabeça num canto e o outro no outro lado.

Francisca — Mas acho que não é só isso. Tem companheiros que estão aí na

"A gente viu que precisa acompanhar as lutas pra crescer juntos senão um não entende o outro. Um tem a cabeça num canto e o outro no outro lado, né?"

luta e que fazem tudo em casa: cozinham, lavam louça, roupa, costuram bainhas, pregam botão, cuidam das crianças... Mas, em alguns pontos, a carga da mulher ainda é maior. Eles podem chegar até a estudar uma forma dele sair numa hora e a esposa noutra, mas não adianta. Quando, por exemplo, eles têm que marcar um horário de reunião, eles marcam e pronto. Nem pensam se a mulher tem algum compromisso nesse dia ou não. Deixam pra resolver isso em casa. E quem sempre desiste é a mulher, entendeu? Ela é que tem que dar um jeito pra ver quem é que fica com as crianças, ou então deixa de participar pro marido poder ir. Então, isso daí está muito enrustido dentro dos homens. Desde pequeninos, eles são criados pra poder fazer o que quiserem. Por mais consciência que tenham de participação, os homens muitas vezes nem se lembram que têm filhos para criar e que a sua mulher tem o direito de ser livre e de participar também.

Anna — Vocês querem saber de uma coisa? Eu não acredito muito nisso de que a mulher não participa porque o marido, oprime. Ficam pondo a culpa nos maridos mas a mulher também se acomoda dentro de uma situação. Sabe, há um tempo atrás fui procurada pra formar um clube de mães e eu não quis porque já ouvi muita coisa assim: “Eu tenho medo de perder meu marido; o meu marido não deixa; o meu marido é castrador; eu não posso fazer isso...”. Então, sinto que as mulheres mesmas preferem muitas vezes ficar conversando o dia inteirinho ali na rua, no portão de casa, do que vir bater um papo com a gente no clube de mães.

Neusa — É, porque fora os maridos, a gente tem problemas aí na rua, com os amigos e vizinhas também. O próprio ambiente em que a gente mora ajuda o pessoal de casa a ficar contra a gente. Meu marido chegava no bar e começavam os papos de que toda mulher que andava atrás de política era porque estava atrás de homem. E ele começou a ficar irritado. Antes ele tinha uma certa confiança em mim, nunca tinha demonstrado o mínimo ciúme. Entrava, saía e ele não estava nem

aí. Mas depois ouviu tanta bobagem até de pessoas íntimas, que começou a encrencar. Hoje, ele não é contra mas acha que a gente tá metida demais em muitas coisas e não agüenta, né?

Teresa — É isso aí, tanto trabalho...

Dita — E sem salário! A briga é essa, podem acreditar. Vejam vocês, estou coordenando um grupo de mulheres e outro de jovens: participo na diretoria da Sociedade de Amigos, da liturgia e do Conselho de Saúde. E o pior de tudo é que em nenhum desses sou remunerada. Quanto a mulher sai pra trabalhar fora, o marido reclama, mas no fim do mês ela vem com o dinheirinho e ajuda. Agora, quando a gente entra na luta e no final do mês não entra com nada, aí a coisa piora pra cima da mulher.

Joana — Concordo com você. Foi o que vocês já falaram: a gente começa a ir num lugar e aí já convidam para ir em outro, outro e outro. Aparece um montão de coisas, a gente começa a se envolver demais....

Rita — Esse é o problema de todas nós! Porque são sempre as mesmas mulheres que estão nas lutas. A gente sai muito por falta de participação de mais mulheres, não é mesmo? Na medida em que elas começarem a participar mais, então a gente pode até diminuir as saídas da gente. Mas, por enquanto, o pessoal vai cansar de ver a cara da gente na rua, porque não tem outras pessoas pra fazer as coisas.

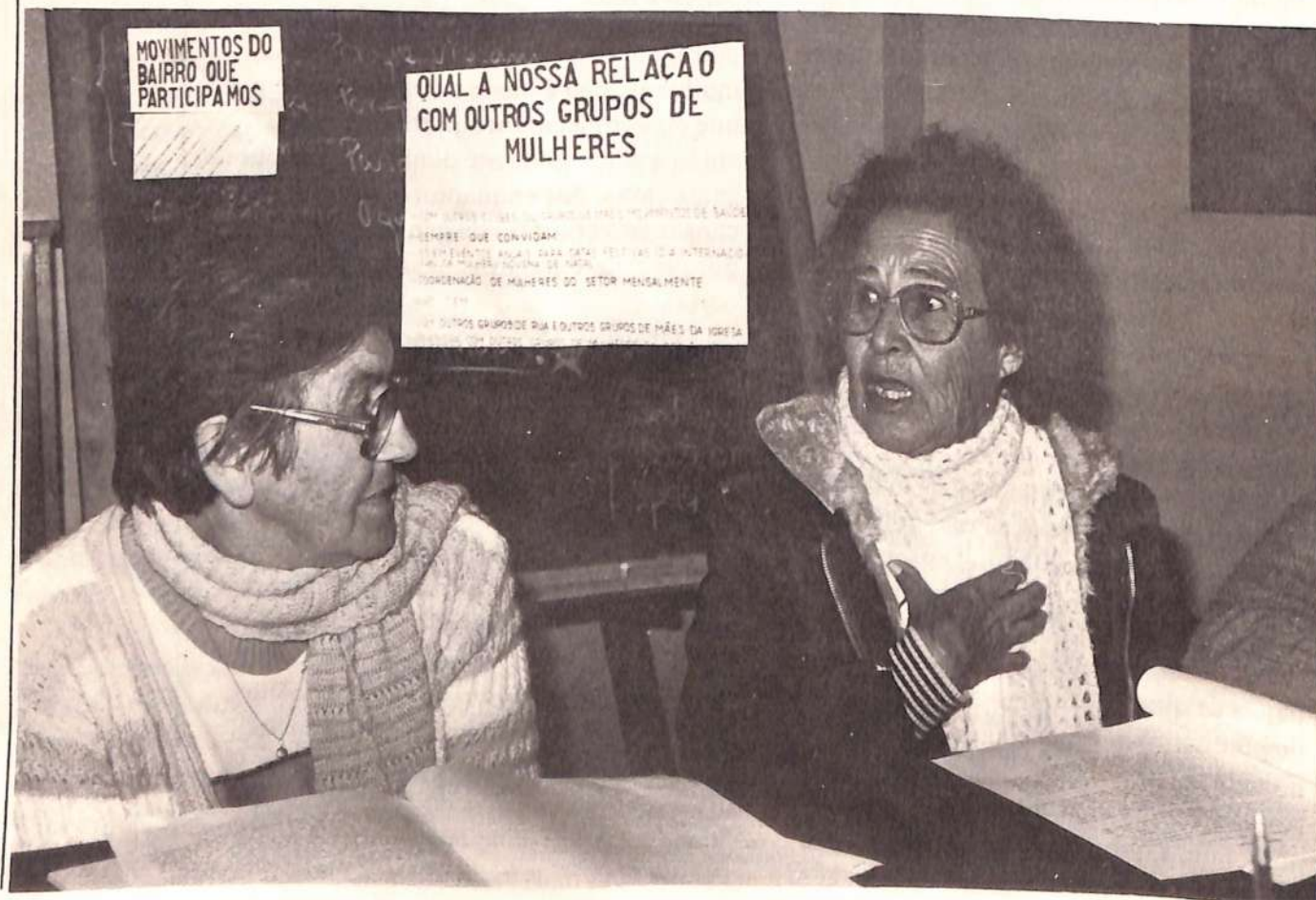
Graça — Mas Rosa, no meu modo de ver, uma falha do nosso clube de mães é que a gente não sabe como chamar o povo e segurar o pessoal. A gente ainda não descobriu isso e sobra mais pra gente mesmo, né?

Anna — Tem uma coisa que eu sempre falo. A gente precisava fazer um trabalho com as mulheres, que não tem muita consciência dos direitos delas, porque nós temos uma força enorme. Eu queria que mais mulheres tivessem coragem de lutar, de estar unidas. Mas desejava também oferecer alguma coisa de concreto. Porque quando a gente pode oferecer isso, se percebe que vêm mais mulheres pro clube de mães.

“Quando a mulher sai pra trabalhar fora, o marido reclama. Quando a gente entra na luta e no final do mês não entra com nada, aí a coisa piora pra cima da mulher”.

Entre mulheres

As coisas positivas que os clubes de mães fizeram estão aí. As dificuldades para levar o trabalho adiante, embora menores, continuam existindo. Então, o que fazer? As participantes dos clubes de mães pesquisados vêm um caminho: criar na periferia um movimento amplo de mulheres que se preocupe mais com a questão da mulher. Elas reconhecem a importância dos clubes de mães para a construção e crescimento das lutas nos bairros. Pois grande parte das pessoas hoje envolvidas nos movimentos populares entraram pela porta dos clubes de mães. Mas se queremos mudar a situação da mulher, diz uma delas, os clubes de mães têm que se voltar um pouco mais para os problemas da gente mesma, enquanto mulher.



Irene — Tem uma coisa que acho muito importante nesse trabalho todo de clube de mães. A mulher está em todas as coisas e não tem muito tempo pra ela, para se preocupar realmente com os problemas dela como mulher. Então desse jeito não dá, porque, se realmente a gente quer na verdade mudar a situação da mulher, tem que se voltar um pouco para os problemas da gente mesma e ir fazendo alguma coisa quando der, né? Os movimentos nos bairros estão fortes, mas não em torno da questão da mulher. A mulher está preocupada com o problema da educação, de saúde, da terra e tudo isso. São problemas importantíssimos, tem que se fazer alguma coisa. Mas, apesar disso tudo, ela continua ainda muito oprimida, sabe? Então, não adianta.

Elza — Olha, a gente fala, mas às vezes penso ainda — “ah! eu sou tão livre! Ih! minha cabeça é tão boa, eu participo disso, daquilo, daquilo!”. Mas quando chega na hora de se ver como mulher mesmo, como estou? Estou ainda lá embaixo, porque qualquer coisa já derruba a gente.

Neusa — E tem mais! Em todas essas lutas quem está na frente, levando a coisa mais a sério, envolvendo os outros, animando, liderando? Não somos nós, mulheres? Mas quando acontece a vitória ou dá um pouco certo, o que a gente ouve por aí? Eu, pelo menos, não escuto ninguém falar assim: “Poxa, que capacidade tem essas mulheres!” Não, acabou a luta fica tudo por isso mesmo, ninguém dá valor a ela porque conseguiu isso ou aquilo, né?

Irene — Tá certo, porque em geral, a gente nem tem lugar. Isto é que é duro, né? Por isso acho importante fazer um trabalho como mulher também, sabe? Não ver a mulher só como tarefa dos movimentos. Mas pensar nela como pessoa, né?

Luísa — Mas não é essa a proposta de outros grupos de mulheres? Você, Rute, que foi muito em reunião e em congressos de mulheres, conta um pouco como é isso aí.

Rute — Bem, os congressos que eu fui foram os de Mulher Paulista. Em 1980,

Irene — *“Os movimentos nos bairros estão fortes, mas não em torno da questão da mulher”.*

Dita — *“Se aqui na periferia acontecer do Zé matar a Maria, quem vai defender a Maria?”*

Irene — *“Acho importante não ver a mulher como tarefa dos movimentos, mas pensar nela como pessoa, né”.*

acho que foi o primeiro. O que eu pude perceber é que muitas propostas que discutiram ali eram diferentes das nossas. Porque em muitas coisas os nossos problemas na periferia são outros. A gente nunca se preocupou com os problemas delas; e os nossos, para elas, eram completamente desconhecidos. Não é que a gente ache que não sejam importantes. Porque quanto mais união de mulheres ou homens, melhor. Agora: a gente pode respeitar a proposta delas, mesmo que não sirva pra gente e que elas também respeitem as nossas propostas, não é mesmo? Igual à comemoração do oito de março. Lembra, Luisa? A gente escuta tantas coisas, mas muitas ficam lá tão longe... porque a realidade nossa na periferia é outra, sabe?

Dita — Tá certa, a Rute. Vou dar um exemplo: quando as feministas acusam agora o Lindomar Castilho, não vou dizer aqui que elas estão erradas. Não é isso. Concordo com elas perfeitamente. Mas veja bem: se aqui na periferia acontecer do Zé matar a Maria, quem vai defender a Maria? A imprensa não vai falar. E aqui, todo mundo vai acusar a Maria. E mesmo morta, Maria vai ser uma desgraçada porque vão falar assim: “Não valia nada. O Zé fez bem de matar...” Outro exemplo: Se o nosso filho for maconheiro, ele vai preso, ele vai apanhar, nós vamos ter que mudar de lugar, porque nós vamos ficar envergonhadas. Aconteceu comigo, da minha filha ter uma criança de solteira sem ter um namorado em casa, né? Eu nem sabia quem era o pai; fui saber depois que ela teve a criança. Ela não casou com ele. Olha, o que eu sofri!... Tive até que mudar de bairro! Fiquei louca de tanto o pessoal falar. Não perdoam mesmo. As situações são diferentes.

Luisa — Por isso que quando a gente vai nesses encontros e comemorações, a gente acaba até achando que perdeu tempo, sabe?

Dita — Porque do nosso lado, não conseguimos colocar as coisas como elas são na periferia. Às vezes a gente entra numa discussão e sente que não tem

Irene — “A gente quer é ser respeitada, valorizada e ter liberdade pra fazer o que é nosso direito”.

condições de discutir. Eu, por exemplo, tenho uma grande experiência de vida. Disso tenho certeza! Mas não são todos os assuntos que eu sei discutir. Então, como vou impor a minha opinião? Tem assuntos que não consigo discutir com uma mulher intelectual. Logo nas primeiras colocações ela vai usar umas palavras tão difíceis que vou ficar assim: “o que ela tá querendo dizer aí mesmo?”.

Irene — A gente sabe que alguns grupos de mulheres acham que a liberdade da mulher está em sobrepujar o homem, ser mais do que o homem. Mas a maioria não pensa assim; e nós também não. A gente quer é ser respeitada, valorizada e ter liberdade pra fazer o que é nosso direito. O espaço da gente, ninguém tem o direito de tirar. Durante muito tempo, o homem não deixou a mulher ter isso; mas agora não se deve querer uma vingança.

Rute — É, porque a gente quer se libertar, mas se libertar junto com os homens, com os filhos. Nós queremos uma libertação geral, do povo.

Neusa — Então tudo isso é importante pra gente. Eu mesma, gostaria de participar mais dessas reuniões para conhecer e tirar as minhas conclusões, né?

Rute — É importante sim, Neusa. Mas acho também que a gente tem que fazer mais encontros que batam com a realidade da mulher da periferia, que falem nos problemas que estamos sentindo na pele no dia a dia, do valor e do lugar que a gente tem na sociedade, né? Na zona sul tentamos organizar um encontro regional de mulheres desse jeito. E acho que isso ajudou muito as mulheres de lá.

Irene — E aí pessoal! Por que não ampliar a organização de mulheres da periferia? Porque senão fica muito difícil: é um grupinho aqui, outro grupinho ali, tudo assim solto. E assim a gente não consegue muita coisa como mulher. Acho que tá na hora de tentar também conquistar uma forma de comunicação melhor para expor as nossas idéias e descobrir as lideranças que estão espalhadas por aí...

Anna — Já imaginaram, como seria uma boa formar entre mulheres um grupo “da pesada”? Quer dizer, daquelas que sabem mesmo o que querem da vida.

Rita — Não sei se concordo com isso. Acho que aí a gente está se separando demais, sabe?

Rute - A gente não está! Todas nós, mulheres, temos problemas, mas eles são



diferentes. Por exemplo, uma mulher da classe média tem uma realidade diferente da nossa. Ela pode fazer coisas que as minhas condições de vida não permitem. Ela, às vezes, luta por uma realização profissional e está mais do que certa nisso. Mas não trabalha como nós, propriamente por uma questão de sobrevivência, com problemas de não ter o que comer, entende? O mesmo acontece entre ela e uma mulher rica que tem outra condição de vida diferente...

Anna - Mas a gente não pode esquecer também que tem advogadas, médicas, sociólogas, jornalistas, psicólogas, economistas, enfim, muita mulher profissional da classe média que quer ter uma participação e colaborar com a gente.

Dita - Eu acho isso bom. Mas essa participação deve começar com elas se entrosando com a gente, aprendendo com a gente porque nós também temos coisas para ensinar. Nós estamos abertas para a colaboração dessas profissionais, mas desde que não venham com o jogo já feito, com tudo mastigadinho, só despejando teorias que elas têm na cabeça.

Irene - E essa troca faz o movimento crescer porque alguém está tentando ajudar a gente a descobrir as coisas sem interferir demais na nossa caminhada. Uma médica, por exemplo, que teve oportunidade de estudar muito mais sobre o corpo da mulher pode ensinar a gente nisso. Não sei, eu penso assim: se uma pessoa estudou bastante e não passa aquilo para os menos favorecidos pela sociedade que não dá oportunidade para todo mundo, acho que não valeu aquilo que ela aprendeu, não é? Se ela vai guardar só para si ou para aquelas do meio dela que também às vezes não precisam, então para que estudou tanto?

Luisa — Eu não sei, acho que estas pessoas que querem trabalhar com a gente, elas tinham que morar no mesmo bairro, sabe? Senão fica difícil delas entenderem os problemas que a gente vive.

Irene — Já pensei assim, Luisa, mas agora não penso mais. Sabe por que? Por exemplo, a gente vê que o pessoal lá da

favela tem problemas ainda muito mais sérios do que eu. Eu gostaria de ajudar mas não acho que para isso vá ter que morar na favela e nem viver o que elas estão vivendo. Pelo contrário, a gente tem que ajudar o pessoal a sair dali e ter uma situação melhor, sabe? Teve um tempo que pensava assim: "Um pobre não pode ter isto? Então também não posso". Mas isto não muda as coisas porque então todas vamos ser faveladas. Se nós estamos numa situação difícil e tem pessoas que podem ajudar a gente a enxergar mais, por que não trabalhar juntas?

Dita — Mas aí que eu falo que a gente também precisa saber com quem está lidando.

Teresa — Claro! E como a gente vai descobrir isso? É no trabalho junto que se fica conhecendo mais as pessoas e se vê até que ponto elas estão mesmo do nosso lado, não é verdade?

Irene — E aí a gente não está se separando, não é Rita? Todas nós, por sermos mulheres, temos problemas. Só que eles são diferentes. Mas eu ainda vejo que o inimigo maior é comum.

Neusa — E qual seria ele?

Irene — O sistema que sempre oprimiu a mulher no sentido mesmo da mulher, enquanto pessoa, né? Porque seja como for — rica, pobre ou remediada - em relação ao homem, a mulher é sempre colocada em segundo plano.

Neusa — Mas, e os caminhos de luta?

Irene — Os caminhos de luta pra combater esse inimigo comum em algumas coisas são comuns. E em outras são diferentes. Acho que por isso a gente não pode fazer todas as lutas junto.

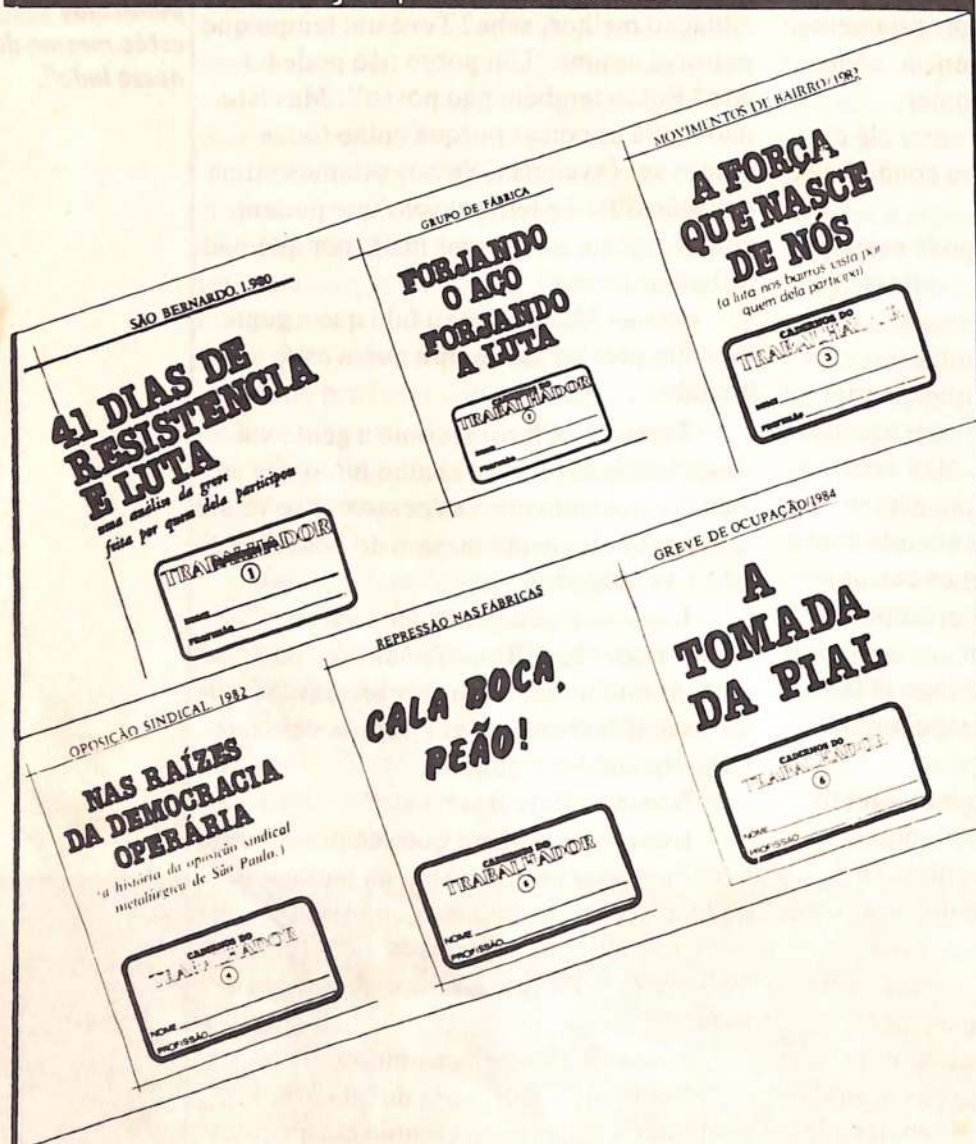
Dita — Olha, quer saber de uma coisa? Eu acho que só no dia em que as mulheres da periferia descobrirem a sua força e a sua capacidade é que a gente vai conseguir lidar com tudo isso aí. Cada vez mais acredito que, quem vai resolver a nossa situação, somos só nós mesmas. Inclusive, os caminhos de luta somos nós também que temos que descobrir. A solução a gente não encontra nos outros. A nossa história, só a gente mesma vai fazer.

Teresa — *"E no trabalho junto que se fica conhecendo mais as pessoas e se vê até que ponto elas estão mesmo do nosso lado".*

Dita — *"Cada vez mais acredito que quem vai resolver a nossa situação somos só nós mesmas".*

CADERNOS DO TRABALHADOR

já publicados:



**Revista
que
história
é essa?**

nº1- Conselhos
Populares

nº2 - Escola viva

Edição do GRUPO DE EDUCAÇÃO POPULAR-GEP-URPLAN Rua Ministro de Godoy, nº 960 São Paulo-SP Fone: 65.7715

Edições "Rede Mulher"

- Relatório de Pesquisa
- "E agora Maria?" (audiovisual)
- "Por Ser Mulher" - (peça de teatro)
- Retrato dos Clubes de Mães e Grupo de Mulheres da Zona Leste (Cadernos de levantamento de dados)
- "Que História é essa?" - (revista sobre os movimentos populares)

Solicitação para obter esses
documentos dirigir-se a

REDE MULHER
CAIXA POSTAL 1803
01051 - São Paulo
Tel (011) 262-9407

